

MOSAICO POETICO

COLLECCÃO DE ESCOLHIDAS POESIAS

DOS

MELHORES POETAS

NACIONAES E ESTRANGEIROS

Ante Ribeiro
Q. 101
(2.ª SERIE)



G. LAPORTE & C.^a

46 e 48—RUA DO IMPERADOR—46 e 48

RECIFE

AS MÃES

O' Mães ! da Mãi de Deus vós despertais lembranças,
N'essa augusta missão—tão cheia de poesia ;
Quando embalais ao collo as timidas crianças,
Eu penso ver Jesus nos braços de Maria !

Vós sois uns anjos bons ! de amor e de piedade
Tendes um ninho em flôr nos seios virtuosos ;
— Nos filhos reflectis a vossa flicidade,
Como em limpido espelho os corpos luminosos.

Vós sois a inspiração primeira dos poetas,
Vós sois o pensamento extremo dos doentes.
Quem antes osculou a fronte dos prophetas,
Vindo a cerrar mais tarde os olhos dos videntes ?...

O' Mães ! de minha Mãi vós me trazeis lembranças...
Encheis-me de saudades !... Eu amo-vos por isto,
Quando embalais, cantando, aos seios as crianças,
Eu sonho ver Maria acalentando o Christo !...

Meu Deus ! não sei dizer o que ha de mais unguido
De balsamos do céu, si lia mais sublime cousa
Que a Mãi que embala ao berço o filho adormecido,
Ou si o filho que reza ante a materna lousa !...

Mucio Teixeira.

O MERGULHADOR

« Minha c'roa de perolas carece,
(Diz a rainha de vaidade cheia)
Baixa ao humido reino da sereia,
Desce, mergulhador, aos mares desce

Elle na onda azul desaparece...
Apertando os coraes, movendo a areia,
N'uma concha, que o nácar purpleia,
Elle á rainha a perola offerece.

Tal se do bardo á inspiração accesa
Pedires algum verso, ó anjo louro,
Para ornar tua c'roa de belleza,

Elle correndo em busca do thesouro,
Baixa do pensamento á profundeza,
E a perola te offerta em rima d'ouro.

Traduzido de Murger

VELHA

A C. M A C E D O

Essa pobre mulher encarquilhada,
Triste, desfeita, pallida, alquebrada,
Foi bella entre as mais bellas raparigas,
Foi a Musa de todäs as cantigas
Essa velha mulher encarquilhada!...

Mais d'um moço n'aldeia a requestava...
Nos alegres descantes da viola;
E mal a lua cheia despontava,
Quando a ouviam cantar á hespanhola
Mais d'um moço n'aldeia a requestava...

Em toada plangente, á guitarrilha,
Em voz apaixonada, a seguidilha
Sabia-lhe feliz. como um gorgeio;
E a leve curva do seu niveo seio
Arfava docemente
E os sons dolentes de febril canção,
Como beijos de amor — traiçoeiramente,
Se apossavam de mais d'um coração...

Como todos na vida teve amores
Essa velha mulher encarquilhada !
Borboleta--adejou por muitas flôres,
E por todas as flôres afagada .

Hoje chora o passado além perdido,
Não tendo no presente uma ventura !
E seu pranto de dôr hoje vertido
Só pensa no porvir da sepultura !

Alfredo Peireto.



A FURTADO COELHO

IMPROVISO

Quem és tu que não tremes ante a lucla
Das paixões em que o mundo se debate ?
E orgulhoso caminhas impassivel
Das procellas sorrindo ao negro embate ?

Que espirito immortal em tuas veias
Se agita e move —actor predestinado ?
E soberbo transpões da gloria os atrios
Vendo um povo a teu gesto avassalado ?

Que nome tens escripto n'essa fronte
Que ao sol de um mundo novo s'illumina,
Como ao cedro gigante da montanha
Envolve em luz a hora matutina ?

Que mysterio és tu ? Que força extranha
Te arrasta pelas sendas espinhosas,
Onde o teu coração ás vezes sangra
C'roadaa fronte d'immurchaveis rosas ?

Tu és o peregrino do talento,
Martyr na dôr e rei na magestade !
E por isso te offerlam duas c'roas
Os homens uma,—a outra a Divindade !

S. Paulo, 27 de Janeiro de 1881.

Augusto Emilio Zaluar

À ...

(*Victor Hugo*)

Eu respiro no espaço em que palpitas ;
Tu sabes, meu amor, ah não, não partas ;
Porque ficar aqui, si tu me deixas ?
Porque viver aqui, se tu te apartas ?

De que serve viver, sendo-se a sombra
Desse anjo, que de nós foge n'um dia ?
De que serve viver, n'um céu tristonho
Sendo-se a noite lugubre e sombria ?

Eu sou a flor silvestre, que recebe
Do mez de Abril o alento da existencia,
Mas, se foges de mim, nada mais resta.
Tudo esvae-se, querida, em tua ausencia.

Tu me cercas de auréolas refulgentes ;
Ver-te, ver-te è meu unico desejo ;
Se queres que eu d'aqui desprenda o vôo,
Voa, meu anjo, n'um celeste adejo.

Se partes, minha fronte se entristece ;
Minh'alma busca o céu, no céu se aninha,
Porque, na tua mão, candida e bella,
Tu prendes esta rustica avesinha.

Que queres tu que eu seja, se um instante
Não ouvir mais teu passo harmonioso ?
Não sei se é minha vida ou tua vida
Que se esvãe, em momento tão saudoso.

Quando a coragem no meu peito expira,
Eu no teu coração tomo coragem ;
Sou como a pomba, que no azul de um lago
Vem fartar-se, na rapida passagem.

O amor ensina ao coração amar-te
Quanto o universo é para si bendito ;
É é somente esta chamma desmaiada,
Que illumina os espaços do infinito.

Sem ti, a natureza inteira
É apenas um carcere fechado,
Onde de fronte pallida, caminho
Sem ao menos amar, sem ser amado !

Sim, sem ti, tudo se esfolha, esvãe-se tudo :
A tristeza desenha-se em meu cilio ;
Para mim, uma festa é uma campa ;
A patria para mim é um exilio.

Não fujas, pois, não fujas de meus males,
Attende aos rogos meus, aos meus reclamos,
O' celeste calhandra de minli'alma,
Que seductora cantas nos meus ramos.

De que posso eu no mundo ter inveja ?
De que posso eu no mundo ter receio ?
Que farei eu, vida, se ao meu lado
Não sentir palpitar teu casto seio ?

Quer percorras as moitas florescentes,
Quer divagues na luz e quer nas trevas,
Levas n'uma das azas minha prece,
N'outra os meus cantos immortaes tu levas.

Que direi eu aos campos, que saudosos
Hão de cobrir-se de tristeza e dores ?
Que direi às estrellas peregrinas ?
Que direi eu às delicadas flores ?

Quando a selva não mais illuminares,
Que direi eu á selva entristecida ?
Que direi eu á rosa purpurina,
Se perguntar por sua irmã querida ?

Morrerei, fuge, fuge, se tu ousas . . .
Para que recordar dias de outr'ora . . .
E contemplar estes formosos sitios,
Sitios, que ella não mais contempla agora ?

Que farei eu da lyra, anjo formoso ?
Que farei da virtude, do destino ?
Sem o sorriso de teus lindos labios,
Que farei do sorriso matutino ?

Que farei eu, sem ti, do céo, do dia ?
Eu que caminho só por entre abrolhos,
Que farei de meus beijos, sem teus labios ?
Que farei de meus prantos, sem teus olhos ?

João Baptista Regueira Costa.

AH! VINDE!

Ah! vinde, vinde, encantadora joven!
Dante de vós teria feito um anjo,
E Virgilio uma deusa,
Sois rica de uma fronte soberana.
De um pé ligeiro a resvalar suave,
Palpitante de vida.

Sois rica de uma bocca seductora,
Que mais floresce ao requebrar de um riso,
E altiva entre as altivas,
Poderieis cingir nas lindas formas
A couraça de azul, que ornava o corpo
Das antigas guerreiras.

Seriam vossos labios purpurinos
O pasmo só dos carcereiros das bellas,
Gyneceo ou serralho;
Cellini sorriria á vossa graça,
E tentando esculpir n'um vaso grego
Vossa airosa figura.

De um calix d'ouro vos retiraria,
De um lyrio, que em mulher logo se torna,
Ficando lyrio ainda;
Ou de um lotus, que deve-lhe a existencia,
Mimosas flores d'arte, estranhas flores,
Que a natureza inveja.

Vinde ali ! sim, que foi aureo aquelle dia,
Em que eu vos contemplei á vez primeira.
 Bella e de olhos divinos ;
Guardais acaso n'alma. como eu guardo
Dentro em meu coração apaixonado,
 Um raio de lembrança ?

Sorris. As vossas mãos pousai nas minhas...
Vinde, que a primavera está risonha,
 O sitio está sombrio,
Tepido está o ar, e além nos bosques
Muita relva inda verde o chão alastra
 Dos annosos carvalhos !...

Trad. de Victor Hugo.

—•—•—

O PROSCRITO

(*Juan Carlos Gomes*)

Te assusta o meu viver ? o mar em que navego ?
a rija tempestade, que assalta o meu batel ?
e um voto compassivo por mim ao céo elevas,
descrendo que me salve neste vai-ven cruel ?

Não tremas, doce amiga: dentro no peito sinto
mais alto que esse mar, mais forte o coração.
A barca é fragil, sim: mas eu reprimo a vèla
e no batido leme firme conservo a mão.

Si o vendaval redobra e aligeirar o lenho
preciso a cada instante para poder vogar,
arrojarei, aos poucos, uma ambição, um sonho,
uma affeição querida, uma esperança ao mar.

E hei de chegar ao porto: hei de pisar a margem,
da patria hei-de no templo com honra penetrar.
Que importa que na plaga deixe quebrada a quilha,
si posso a vèla e o leme depor no seu altar ?

Senador Octaviano.

A PROPRIEDADE

Sua rasgando o seio á terra dura,
Ao sol ardente, o rude jornaleiro ;
E na lobrega mina, fria, escura,
Lida e mata-se o intrepido mineiro ;

No inclemente oceano traioeiro,
O pescador que o negro céo tortura
Com as gélidas cordas do aguaceiro,
Em cada onda á morte se aventura.

Na cidade, entretanto, um bom patife
Digere, consolado, o seu *roast-beef*,
Depois de um longo baile dissoluto...

O que o trabalho ganha em todo um dia,
Sua Alteza o Capital, que se enfastia,
Em meia hora o fuma—n'um charute

Lucio de Mendonça.



O ENTERRO DE LAURA

Abrem-te a cova e fallam-me de esperança,
Bradam --o eterno sol, o eterno dia !
E eu vejo sobre ti, pobre criança.
Rollar com som tremendo a terra fria !

Bem sei, bem sei qué foste assassinada
Pela benigna mão de um Deus sublime ;
Mas si elle é Deus e eu verme, é tudo e eu nada,
Como queixar-me do espantoso crime ?

Que mal fazias tu, filha innocente,
Ao magnanimo Deus, ao Deus augusto ?
E elle que é bom matou-te lentamente,
Deu-te um supplicio atroz, elle que é justo !

Posso acurvar-me á torva lei divina,
Sem adoral-a ante o juiz austéro ;
Mas beijar essa mão que me fulmina,
A mão que te esmagou... não sei, não quero !

Já tres vezes da morte a vaga escura
Passára no meu lar, negro recife ;
E eis outra vez aberta a sepultura,
Mudado o quinto berço em quarto esquite !

Nos arvoredos, nos beirões das casas.
Por toda a parte eu vejo os passarinhos,
E a mãe que exulta e canta e bate as azas,
De emtorno aos fôfos, palpitantes ninhos !

Nadam mil vidas n'uma gotta d'agua,
Do pollen d'uma flor brotam mil flores...
E aos seios d'uma mãe dá-se esta magua ?
E ao coração de um pai dão-se estas dores ?

Dizem que vais viver eternamente,
Colher de outros jardins a flor-a palma...
E eu sinto apenas a lethal serpente,
A duvida, enroscada na minha alma !

Hei de orar ? Mas na sombra da consciencia
Não me luzem cá dentro ignotos brilhos...
Hei de crer ? mas a mão da Providencia.
Tem garras para mim, rouba-me os filhos !

Guilherme Braga.



A PEDRO II

Se um poeta, D. Pedro, um sonhador
que orgulha-se em trazer cingida ao peito
a facha tricolor,
póde subir a regia escadaria
e fallar-vos em nome do Direito
contra uma antiga Lei da monarchia ;

se um cidadão, Senhor, moço e plebeu,
que se diz brasileiro e se envergonha
da patria em que nasceu,
póde ir á vossa frente—alta a cerviz—
e fallar-vos em nome de quem sonha
um futuro melhor para o paiz ;

si em nome, ó rei, da geração moderna
eu posso reclamar um acto recto
do rei que nos governa :
« quebrai a algema á Brasileira Raça
dos escravos, Senhor, por um Decreto,
à luz azul do seculo que passa. »

Senhor ! a Abolição é necessaria :
não pôde o forte agrilhoar o pobre,
azorragar o pária ;
ao fraco dai a mão, abri a Cova
da Raça Desterrada, e ponde sobre
a louza um fundamento—a Patria Nova.

Esbarrar a opinião eis o impossivel :
O mar da rija Costa arrue os flancos
com fortidão incrível,
E no Brasil. Senhor, a Opinião,
como o mar, já uivou rugidos francos
sobre o grande problema :—a Abolição.

Fernando de Castro.



DECA.DENCIA

Nós já não temos caracteres nobres,
Nem voz, nem sombra de Catões e Grachos :
O céu tem pena de nos ver tão pobres,
O mar tem raiva de nos ver tão fracos.

Porque não ergue-se o Brasil fecundo,
Por vastas ambições, por fortes brios ?...
Que gloria é esta de mostrar ao mundo,
Em vez de grandes homens,—grandes rios ?...

Bastas selvas, um céu azul immenso,
Que os corações em flor bafeja e rega ;
Uma terra abrasada, como incenso,
Que do sol no thuribulo fumega ?!

Nada val, si não ha quem se offereça
Para d'alma arrancar-lhe o negro espinho...
Tudo em baixo !... não surge uma cabeça
Em que as altas idéas façam ninho !...

Donde é que teu primor, patria, derivas !
Porque ao orgulho ingenua te abandonas !
Ai !... as outras nações dizem altivas :
Pitt, ou Bismark ; e nós !... o Amazonas !...

O sceptro é nullo: e os animos languescem
Da indiferença no pesado somno.
Não vêm as horas em que as aguas crescem,
E a onda morde na raiz do throno...

Que o povo falle, isto é—prenda na bocca
A escuma, a raiva, o fel dos oceanos,
E a brasa dos vulcões! materia pouca
Para cuspir na face dos tyrannos...

Tyrannos?! sim, que matam o progresso.
Que suffocam a luz e o direito,
Para quem toda idéa é um excesso!...
Não ha mais fogo do Brasil no peito!...

Tobias Barreto.



NO LYRICO

Quando eu senti o teu olhar fitar-me,
O' flor de sedas, rendas e lyrismo,
Esqueci o bordão do pessimismo,
Deixei loura visão acalantar-me.

Fui no aereo de um beijo pendurar-me
Do teu broche no rutilo asterismo,
Se n'ess'hora o teu amor fosse um abysmo
Eu não temera n'elle despenhar-me.

Foi bem rapido o tempo venturoso,
Porque logo acordei, pobre mesquinho,
Com resaibos de fel de tanto goso.

Rico burguez de rosto viperino
Cravava no teu collo olhar guloso,
E .. cantava-se a *Força do Destino*.

J. Patrocínio.



A MARTINS JUNIOR

Rutila o sol. O monte a selva, o descampado,
Envolvem-se da luz na chlamyde vibrante;
A Terra arqueja como um monstro fatigado
Voltando para o ar a bocca fumegante.

Freme o cannavaial quando balouça o vento,
Com o aspecto hostile de tropas aguerridas
Que esperam do combate o rabido momento
Erguendo na amplidão as laminas brunidas.

Pelo granito em brasa, arrasta se na trilha,
Dos escravos a turba hedionda, maltrapilha,
Famelica e offegante. A trecho, do feitor

O chicote sibilla e vai morder os flancos
Da victima que estúa, em tragicos arrancos,
E o sangue lacrimreja em convulsões de dôr.

C. Brandão.



A RAINHA DAS FEITICEIRAS

Ai, feiticeira, nos teus olhos fulgidos
Quantos feitiços não entorna amor !
A quem roubaste esse condão fatidico ?
A' luz ? á musica ? á borboleta ? á flor ?

A' luz—quem sabe ? que eternal incendio
Ferve em teus cilios n'um fulgor dos céos,
E quantas almas se dissipam tenebras
A um só lampejo dos olhinhos teus !

Mas quantas vezes a alvorada esplendida,
Que nos banhava o coração de luz,
Não se transforma n'uma noite tetrica,
Si vem te aos olhos dos desdens a flux ?

Talvez á musica... que harmonia languida,
Que unge teus labios do coral na flor,
Prende nos élos de um grilhão suavissimo
As almas puras, que inda crêm no amor.

Transborda a amphora d'esse philtro magico
Quando tú vibras a celeste voz,
A alma se apura aos divinaes psalterios
E vòa ao Empyrio no adejar veloz.

A' borboleta ? Porque as azas candidas
Com que tua alma nos arrasta ao céo
Na cor dos prismas derramando os extases
São de uma fada o fascinante véo.

Das borboletas no adejar continuo
Vives sugando dos jasmims o mel ;
Todas as lyras te dedicam canticos,
E tu respondes com um sorrir de fel.

A' flor, Oh ! sim ! que no perfume arabio,
Que se desprende dos cabellos teus,
Eu sinto aromas me elevando o espirito ;
Banham-me a fronte as virações dos céos !

Tu és a essencia de uma flor angelica,
Que um anjo lindo a suspirar beijou ;
Tu tens das rosas a pureza mystica,
E a flor do affecto ao teu sorrir brotou.

Das feiticeiras és rainha magica
Que em doces philtros nos influes amor ;
Eu sei : roubaste esse condão fatidico
A' luz, á musica, á borboleta, á flor.

Plinio de Lima.

O TEU OLHAR

Não passa um unico dia,
Que eu não fique horas perdidas

A scismar

Nas mil cousas que fãria
De um raio do teu olhar.
Com essa luz penso eu
Criaria um novo céu...
E das lagrimas contidas

Em meu peito

(Tantas e tantas são ellas)
Faria milhões de estrellas
Para o céu ficar perfeito,
Tambem'tenho imaginado
Fazer d'essa luz saudosa
Uma rede luminosa—,
Onde eu vivesse embalado

A sonhar ;

Embalado n'um effluvio,
N'um diluvio,
N'um diluvio de luar !
Mas outras vezes então,
Vendo essa luz, eu quizera
Enrosca-la como a hera
Em torno do coração,
A ver si acaso podia

Mesmo agora,

Ver ainda a luz do dia
N'esta velha ruinaria,
Das minhas crenças de outr'ora

Deus tem um céu, tu tens dous,
No fulgor dos olhos teus,
E's mais rica do que Deus...

Vê lá, pois,

Si, escutando aqui ao pé
Esta oração fervorosa
Has de ser menos piedosa
Do que elle é !

Sendo Deus tão pobresinho,
Não ha ave a quem não dêsse
Um ramo para o seu ninho :
Por consequente, parece,
Mim a flor

Quê tendo tu mais riqueza
Terás tambem com certeza
Mais amor.

Guerra Junquiro.

CHUYA E SOL

Chove ; em seu quarto estreito e encantado
Scisma o cansado ancião de vida escura,
E olhando o céu de nuvens carregado :
“ Que frio inverno ! ” a tiritar murmura.

Sempre este vento vil que eterno dura !
« Não vir o sol ! » Mas eis precipitado
Que o rosto volta e vê sorrir-lhe ao lado
A filhinha, uma ingenua creatura.

Como uma aurora em maio, eternamente
Treme-lhe a bocca seductora e bella
A' aza subtil de um riso transparente ;

E o pai que a fita e é todo amor por ella,
Do máo tempo se esquece e alegremente
Vê o sol em casa nos olhares d'ella.

Alberto de Oliveira.



A NOIVA

A noiva passa rindo
De rosas coroada,
Como um botão surgindo
A' luz da madrugada.

Na fronte immaculada
O véo lhe desce lindo,
E a brisa enamorada
Lhe furta um beijo infindo...

Ante o altar se inclina
A noiva, e purpurina
Murmura a medo : sim.

Agora é noite ; a lua
No céu azul fluctua
E o noivo diz : enfim !

Gonçalves Crespo.



A CIDADE DA LUZ

(A ESCOLA)

*Queste parole.....
Vid'io scritte al sonno d'una ponte.*

(DANTE *Inf.*)

Vós, que buscais a senda da esperança,
Entraí ; aqui ha mundos luminosos
N'um céo, que a mão, por mais pequena alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos,
Vindes para o paiz da primavera ;
Vós que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almæs, das trevas lugubres captivas,
Abris as vossas azas rutilantes ;
Entraí, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas destes porticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vóos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra leva um peso aos pès atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sobe á tona leve e festejado,
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um eden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para ver melhor o céu de perto.

Encostar uma escada no infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

E armado de tenaz, feroz coragem
Arrazando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lucida passagem,

A isto esta cidade vos convida
Entrai : por mais que a noite em vós se note
Tereis um astro á frente na sahida.

Da cidade moderna é luz o mote
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entrai ! a escola é cathedral, igreja,
Hostia—a sciencia.—O mestre—Sacerdote.

Luis Deltino.



N'UM ALBUM

N'um album escrever é negra empreza,
De que o vate jamais sahe triumphante!
— Se é no canto singelo—é ignorante,
Se é pomposo—renega a natureza :

Se não cita ninguém—mostra pobreza,
Se faz mil citações—é um pedante ;
Se é prodigo em louvor—é repugnante
Se não louva—não tem delicadeza.

Se dá cantos d'amor—é um baboso
Se em prosa escreve, só,— quer ser rogado
Se escreve em prosa e verso—é orgulhoso.

Se enche muito papel — é desalmado
Se breve assumpto escolhe— é preguiçoso
Se recusa escrever—é mal-criado.

Faustino Xavier de Novaes.



A MÃE E O FILHO MORTO

A pobre da mãe cuidava
Que o filhinho inda vivia,
E nos braços o apertava !
O coração que batia
Era o della, e não do filho
Que lá do somno da morte
Havia instante dormia.

Olhei e fiquei absorto
Na dôr d'aquella mulher
Que tinha, sem o saber,
Nos braços o filho morto !
Resava, e do fundo d'alma !
E enquanto a infeliz resava
O pobre infante esfriava !

Quando gelado o sentira,
O grito que ella soltou,
Meu Deus !— que dôr expressou !

Pensei então :—A mulher
Para alcançar o perdão
De quantos crimes tiver,
Na fervorosa oração
Basta que possa dizer :
— Tive um filhinho, Senhor,
E o filho do meu amor
Nos braços o vi morrer !!

Bulhão Pato.

O BEIJO

(Z O R I L L A)

- Amas-me?
— Sim. — Não te offendes,
de que te peça baixinho
um signal de teu carinho?
— Conforme elle fôr.
— Pretendes
já impor-me condições?!
— Amas-me?
— Sim. — Teu amor
prova-m'ó com um favor...
— Diz que favor ha de ser.
— Dá-me um beijo,
— E' o que dezejas
em prenda do meu amor?
— Não é prenda é só favor.
Sim?... Não!...
— Sim. — Bemdita sejas!
— Queres recebel-o?
— Espera...
— Que fazes?
— Por-me a teus pés.
— Porque?

— Para que m'ò dês,
como deves.

-- Que chimera !

— Attende : se crês

que um beijo para este amor
não é supremo favor ..

— Acaba.

Não, não m'ò dês,
se cumprindo o meu desejo,
me queres um beijo dar,
sem n'elle tu'alma entrar,
fique em teus labios o beijo ;
que o beijo porque morro eu
dos teus labios ao sair,
deve á minh'alma entreabrir
os horisontes do céu.

— Pois assim como o desejas
um beijo te posso dar.

Amas-me ?

— Sim: vem tomar
neste meu beijo a minh'alma ;
recebe-o...

— Bemdita sejas.

B. de Roussado,



A RELIGIÃO DO AMOR

Elle, um bello rapaz, nutrido, esbelto e louro,
Intelligente, forte, intrepido e sagaz.
Só tem como *brasão* — em vez d'um monte de ouro—
O seu trabalho honrado, a gloria... e nada mais.

Ella, a filha do *lord* estúpido, avarento,
Moderno Cresco, audaz, estulto como um rei,
— Ama o bello rapaz .. mas esse casamentó
Não póde ter logar que vai de encontro *á lei* !

Elle è pobre de mais para tocar-lhe o braço,
Ella—rica de mais para estender-lhe a mão,
Elle—póde cair se ousar erguer o passo...
Ella póde tombar se abrir-lhe o coração !

Mas, um dia o acaso, o protector eterno
Dos amantes leaes, juntou-os de repente ;
Elle vio-lhe o perfil sereno, dôce, terno...
Ella sentio a luz de seu olhar ardente.

Foi n'um templo sagrado. Enquanto as harmonias
Do orgão secular rolavam pelo espaço,
Contava-lhe em segredo as fundas agonias
Elle que n'um momento *ousou* erguer o passo.

E emquanto os bons fieis, as pallidas beatas,
Beijavam cegamente um Christo ou S. Thomáz,
Ella, crente fiel em cousas mais exactas
Dava beijos de amor no rôsto do rapaz !

Elle, crente tambem, ao ver a idolatria
Da pudica christã cheia de crença e fê,
Ajoelhou-se então e como quem pedia
Fez um gesto subtil e foi beijar-lhe o pe.

J. Gonçalves Junior.



A PADEIRINHA

Os olhos sensuaes da padeirinha,
E a pelle còr de rosa avelludada,
Com pennugem doirada que a farinha
Cobria de finissima camada,

O lenço branco, em pregas, attrahente,
Cruzado sobre o peito tentador
Tinham feito fallar timidamente
O virgem coração do professor,

Que ao passar de manhã, quando ia á escola
É que a via risonha no balcão,
Com uma alegria viva de hespanhola,
De manga arregaçada a vender pão,

Tinha appetites doidos de mandar
A todos os diabos o latim,
Invadir o balcão, de ir amassar,
De ser padeiro com padeira assim.

Os repiques de sinos annunciam
Que a padeira casou com o namorado,
Ao professor os olhos se annuiviam
E lá se vai á escola acabrunhado.

A' noite no seu quarto quando o esmaga
A solidão, e que o ciume o gela,
Consola-se, afagando a idéa vaga
De ensinar o latim a um filho d'ella.

Conde de Sabugosa.

MARIA.

I

Um dia... ella pensava. As lucidas camelias
Soltavam para o ar seus carmes divinaes
E havia uma alegria esplendida de Omphelas
Nos rithomnos subtis das auras festivaes.

Depois, um canto seu, um terno sustinido,
Em languida cantata, em convulsão tristonha
Fazia despertar na plastica do ouvido
A aria de quem soffre, a scisma de quem sonha.

Depois... uma nevrose, uma lethal doença
No peito lhe engastou a pavorosa crença
De finir-se veloz a purp'ra de seus dias.

E assim vivia ella, até a hora quando
A tetrica ceifeira o golpe arremessando
Fizesse-lhe murchar a flor das alegrias.

II

Choviam pelo ar uns dobres mortuarios
Gelando de tristeza o peito dos mortaes
E enchendo d'amargura os largos santuarios,
Onde canta a familia as preces fraternaes.

Alli... d'uma morada a gemedora porta
Abrindo-se mostrava um tetrico ataude,
O espectro que attesta uma existencia morta,
E onde se desfolha o lyrio da saude.

Maria estava alli enregelada, o rosto
Tinha os traços crueis do intimo desgosto
Que sente-se ao soltar a strophe derradeira.

Depois... dois annos mais, quem fosse ao cemiteiro
Veria s'embalando em ondular funereo
Na cova de Maria uma gentil roseira.

Claudino dos Santos.



A CARVALHO JUNIOR

1 instante, coveiro !... O morto é meu amigo
como vês, cheguei para dizer-lhe adeus ;
pois podes leval-o .. á Satanaz... contigo !
e sei que não pretende a salvação de Deus.

descuidei-me ! sim ! nós davamo-nos muito !...
mezes abracei-o e nunca mais o vi. .
guem—quem quer que seja !—aproveitou o intuito,
itou-o em minha ausencia e trouxe-o para aqui.

m despedir-me d'elle... (Escuta-me, primeiro
deves conhecer os mortos que aqui sômes,
itas vezes Hamlet—a Duvida, Coveiro,
sita este logar interrogando nomes.

tuda esta cabeça... o principe ha de vel-a ;
para bem... é loira, esplendida, á Van Dick !
nis bem,—gasta a mortalha, então roida a tella,—
io tomes Baudelaire por um jogral—Jorick !)

m despedir-me, pois !... a morte já começa
martellar caixões na porta dos atheus !...
Sentido, batalhões ! cahiu uma cabeça !...
ie importa uma victoria ás legiões de Deus ? !

Fontoura Xavier.

A CRUZ DE PEROLAS

Dei-lhe um dia uma cruz de per'las cravel
A que volava ardente e santa adoração ;
Uma vez lhe pedi, por Deus, por compaixão
P'ra ver onde ella tinha a dadiua guardada

Cedendo ao que pedi, com a feição rosada
Deixando ver no rosto enorme confusão,
Abriu suavemente e terna—o seu roupão
E vi a cruz que eu dera ao seio reclinada

Não me pude conter ; lhe disse que era cre
Que ao menós uma vez deixasse reverent
Beijal-a apaixonado, e fui para beijal-a...

O' illusão partida ! A divinal donzella
Me disse que suspensa assim do seio d'ella
Um beijo, certamente, iria profanal-a.

J. B. Monteiro,

PÉCCAYI

Furtei-te um beijo?!
Pois tu me accusas?!
Justificar-me desejo,
De vituperio tão cru.
Inspirem-me as nove Musas...
As dez, que a decima és tu!

Fiquei possesso
Quando me olhaste...
Eu dei-te um beijo, confesso...
Mas se fui eu que t'o dei,
Se foste tu que o tomaste,
Como fui eu que o furtei?

Teus labios fallam,
Teus olhos gritam!
Aquelles sempre se callam,
Mas estes dizem de mais;
E se um beijo solicitam,
Não lhes resisto jámais.

Cumplices foram
Do negro crime!
Quando os miseros imploram
Nada lhes posso negar...
— Agora diz: perdi-me?
Não! Perdeu-me o teu olhar!

Elle pediu-me
 Sem mais refolhos,
 Sem mostrar sombras de ciúme,
 O beijo que aos lábios dei ;
 Vinguem-se os lábios dos olhos :
 Mandem que os beije : fal-o-hei !

Muita cautela
 E' necessario
 Com os olhos ter, minha bella ;
 A experiencia já fiz
 De que estão sempre o contrario
 Dizendo do que se diz.

Papas na lingua—
 Diz o vulgacho,
 (Um rifão nunca faz mingua)—
 Ha muita gente que as tem ;
 Porém nos olhos eu acho
 Que papas não tem ninguem.

Se inda persistes
 Me criminando,
 Se aos argumentos resistes
 Que em verso desenrolei,
 Manda dizer onde e quando,
 Que o beijo restituirei.

E depois desse
 Terno colloquio
 E' natural tudo cesse :
 « Ladrão que furta a ladrão
 (Vá lá mais este proloquio)
 Tem cem annos de perdão. »

Arthur Azevedo.

SUPPLICA

Já viste a florinna que aos beijos da lua
 Remoça de côr ?
Assim a minh'alma de luto vestida,
Ao ver os teus olhos de fogo, querida.
 Revive d'amor.

Eu sinto a existencia tremer enlaçada
 N'um riso dos teus :
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lyrio dos valles, meu astro do dia,
 Meu anjo dos Cêus !


Nas tuas madeixas existe o perfume
 Das castas boninas,
E, quando esses labios se entreabrem de leve,
Eu vejo os teus dentes mais brancos que a neve,
 Quaes perolas finas...

E então a minh'alma vacilla encantada
 N'um riso dos teus :
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lyrio dos valles, meu astro do dia
 Meu anjo dos Ceus !

Tu és tão formosa ! De boa, de santa,
De meiga que és,
Eu dava o meu sangue para um só instante
Viver ao teu lado, depois, delirante,
Morrer aos teus pés...

Oh ! não, não me deixes que eu sinto-me preso
N'um riso dos teus :
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lyrio dos valles, meu astro do dia,
Meu anjo dos Céus !

E. de Almeida.



RECITATIVO

Era mentira quando o seio ardente
Inda tremente sobre o meu senti ;
Oh ! que loucura n'esse vão desejo,
Naquelle beijo que ao te dar morri.

Lembra-me ainda o clarear da lua,
Quando na tua minha mão tremeu ;
Inda imagino teu vestido aéreo
Nesse mysterio que me enlôqueceu !

Humida nuvem de uma luz saúdosa
A face rosea te cobrio . . . passou :
Como de orvalho esse véo nitente
Que o lyrio algente de pudor curvou

Oh ! que alegrias ! nos jardins, nas salas,
As doces fallas de te ouvir sonhei ;
Entre as roseiras, do luar queridas,
Hoje esquecidas, a memoria achei.

Ficou-me apenas n'esta curta idade
Murcha a saudade do sonhar fagueiro :
E' flor que exprime, quando passa linda
A vida infinda do amor primeiro.

J. Bonifacio.

PAYSAGEM RUSTICA

Batia em cheio o sol pelos trigaes
Acalentando as tremulas seáras...
No ar passavam notas divinaes
D'orchestras amplas, virginaes e clarias

Um grupo de formosas raparigas,
Frescas, morenas e gentis ceifeiras,
Confundiam as limpidas cantigas
No spartito das aves nas balseiras.

Pequenitos á beira dos caminhos,
Alegres e rosados, como auroras,
Andavam, uns a namorar os ninhos,
Outros, então, á busca das amoras.

E mais além, o filho do moleiro,
Ouvindo as alvas pombas arrular,
Jurava eterno o seu amor primeiro
A moça mais bonita do logar...

Albertina Paraiço.

EMBORA !

Eu bem sei, oh ! bem sei ! quando na vida
Já nada mais restar de quem te amou,
A não ser a lembrança entrestecida
Dos dias que por ti sacrificou ;
Nada mais que o renome de meus erros
E a memoria dos males que provei,
Inda a calumnia morderá meus restos . . .
Eu bem sei, oh bem sei !

Os feros corações que me odiaram
E entre nós longo mar poz de permeio,
No pó do que te amou, que assassinaram,
Da propria campa cuspirão no seio ;
Louro de gloria, se adornou me a fronte
Coberto de improperios e baldões,
Sem respeito do morto, hão de arrancal-o
Os feros corações.

Hão de negar-me tudo ! Em vis torpezas
Me enlodarão a palma do talento !
Hão de atirar me que rojou baixezas
Meu sempre levantado pensamento !
O bulcão da calumnia ennovellada
Contra meus restos rugirá sanhudo,
E almas pollutas, pela inveja eivadas,
Hão de negar-me tudo !

Mas tu has de chorar, — porque meu peito
Foi por ti que luctou e succumbio,
E só da lucta recuou — desfeito,
Depois que fibra a fibra se partio.
Não! jamais poderão dentro em tua alma
Do que te amou a idéa macular:
Hão de no lodo mergulhar meu nome...
Mas tu has de chorar.

Morri por teu amor ! O odio alheio
Que me importa, se sinto docemente
Gottejar ineffavel no meu seio
Teu pranto virginal, sincero e ardente?
Embora o esqueça-me e desfolhe-me
A grinalda de glorias flor a flor!
Fui satisfeito no mais doce orgulho:
Morri por teu amor.

Theophilo Dias.

TEU BILHETE

Teu bilhete é uma folha assetinada
A trescalar perfumes de ambrosia
Uma repleta concha nacarada
De mil pet'las de rosa alexandria

E' teu bilhete uma ambula dourada
Que dos favos do Hymmetto o mel encerra
Uma nota de lyra apaixonada
Um reflexo de céu aqui na terra.

E' teu bilhete uma harpa harmoniosa,
A desprender mil notas crystalinas,
Uma gusla que geme sonora,
Um côro de risadas argentinas.

E' teu bilhete a gondola ligeira
Que conduz até mim teu coração,
É me arrebatada na veloz carreira,
Pelas ondas sem fim d'esta paixão.

E' teu bilhete tudo o que de bello
Pôde crear a douda phantasia,
Mas... treme o peito ao pretender dizel-o,
Sepultou d'uma vez a orthographia.

E. P.

N.

Um dia ao ver-te o talhe fulgurante,
Esse todo sympathico, attrahente,
Eu senti da paixão a púa ardente
Dilacerar-me a carne palpitante!

Doudo de amor— segui-te em toda a parte
Arrebatado á luz dos olhos teus
Muitas vezes me ergui do inferno aos ceos
Com um sorriso teu— prodigio d'arte!

Julguei ter um lugar no teu sacrario;
Tornei-me delirante visionário
Até que foi a fulgida illusão...

Pois descobri que n'esse peito **alente**
Palpita sem calor, materialmente,
O esqueleto d'um velho **coração**!

Machado Lima.



A LIÇÃO

Nunca o môço se vê a sós com ella
A mãe, cosendo junto da janella,
Sempre assiste ás lições.
Mas por mais forças que elle em si reuna,
Sente em presença da formosa alumna
Febris perturbações.

Tem por ella sincero sentimento;
Porém quer esconder, como avarento,
O recatado amor.
Não dando mostras na paixão immensa,
Affecta a mais perfeita indifferença
Como habil professor.

Julga a alumna uma estatua inerte e fria
E para couvencer-se quer um dia
- Ouvil-a conjugar
Uma bella palavra, um verbo ardente
Que faz pulsar o peito adolescente
O doce verbo—*amar*.

— « Diga o futuro deste verbo. » E ella
Sem leve alteração na face bella
Responde :—*Eu amarei*
— Muito bem. Mas se o tempo for passado ?
Ella diz friamente :—« *Eu tenho amado*
Ou antes :—*Eu amei.*

Como chama este tempo :—*Eu amaria ?*
A moça lhe responde sempre fria
— Condicional lhe chamo,
— Diga o presente indicativo. « A medo
Ella confessa o virginal segredo,
Corando diz :—*Eu amo.*

Damasceno Vieira.



PHANTASIA CREPUSCULAR

A ALBERTO DE OLIVEIRA

— Vesper, fulge-te o esplendido regaço,
Abençoa-te o nauta na procella.
Tens um solio ideal no azul do espaço...
E eu te lamento,— desgraçada estrella !...

— Que sabes tu de Deus ? Das creaturas
Que sabes tu ?—Que laço a ti nos liga ?...
Impossiveis, as Horas, nas alturas
Dizem-te, levam-te, infeliz amiga !

Esta singela e pallida bonina,
Esta bonina que viveu um dia
Sobre a relva orvalhada da campina,

Viveu e amou !... E tu ? Lucida e fria,
Vaes—pariá da sensação divina—,
Emquanto o Amor, do meu olhar, te espia !..

Narcisa Amália.



VISÃO ANTIGA

E' um salão. Ao longo das arcadas
De finissimas curvas rendilhadas
Admiram-se pendentes
Alguns antigos quadros circumidos,
Representando vultos esquecidos
De nobres ascendentes.

Aqui em posição dura e severa.
Elevando bem alto a fronte austera,
Vê-se um velho guerreiro,
Mais além, outro, joven valoroso,
E junto d'um altar todo radioso
Armado cavalleiro.

Um bello pagem loiro enamorado,
Travesso menestrel apaixonado,
Dirige o seu olhar.
Para a face gentil e deliciosa
Da castellã romantica e formosa
Do vetustô solar.

Um arcebispo — ancião encanecido, --
Com semblante rugoso e dolorido
De báculo na mão, —
Parece ainda escutar, extasiado,
O soluçar dolente e requebrado
D'uma velha canção.

Naquelle quadro avulta em braço fino
Formosissimo rosto peregrino
De gentil açafeta,
Com flores no bellissimo toucado
E um sorriso subtil e perfumado
Nos labios d'escarlata

Ah! que frescor mimoso e deslumbrante
Mostra o formoso e pallido semblante
Daquella fidalguinha!
Ella sorri em doce e meigo enleio
Collocando um jasmim no branco seio
Com tremula mãosinha

Quem lhe daria flor tão perfumada,
Quem na bocca lhe poz illuminada
Uma expressão tão bella?
Foi esse gentil-homem sorridente
Que de frente contempla moço e ardente,
O rosto da Donzella?

Eu entrára de manso no salão
Um dia, em que o meu pobre coração,
Parecia chorar,
E julguei escutar, extasiado,
Um minuete grave e compassado
Dos templos de Mozart.

O canto parecia espreguiçar-se
Crescer, vibrar festivo e dissipar-se
Em requebros subtis.
Sorriam as fidalgas namoradas
E os menestreis de gorras emplumadas
Tangiam arrabis.

Era um canto dulcíssimo radiante,
D'uma rubra harmonia deslumbrante,
Alegre, triumphal ;
Com a graça gentil e perfumada
E a suave cadência modulada
D'uma aria nupcial.

Então eu vi a fresca morgadinha
No salão caminhar, bella, sosinha,
Sem de leve tremer,
E ao fidalgo de fronte enamorada
A sua mão pequena e delicada
Sem medo offerecer.

Elle aceitou-lhe a pequenina mão
Levando-lh'a de encontro ao coração,
Febril extasiado...
E então vi o arcebispo n'esse instante,
Lançar a tão formoso par amante
A bênção do noivado.—

A. Alves



À...

DEPOIS DE OUVIR A ARIA FINAL DA TRAVIATA

Alguem soluça A tecla dolorida
Que fundas maguãs do intimo revela
E' o peito a sangrar de Margarida...
Ah! não calques assim no peito d'ella.

Vê que é amor que n'alma não cabendo
Cava as entranhas, estortêga os ossos—
Mysterio que descobre-se—morrendo—
D'um coração nos funeraes destroços.

E parece que as visceras arrancas
Palpitantes da esphinge de harmonia ;
Como que anjo batendo as azas brancas
Vem tomar-te nos lábios a ambrosia.

O canto que é teu halito escutado
Lança-me em torno virginal perfume ;
Dissera que minha alma é teu cuidado,
Que alimentas na bocca est'ave implume.

Como as fimbrias subtis dos teus vestidos,
Auras de seda roçam-me na frente ;
Tremem os olhos para os céos erguidos,
Rolam as bagas de suor nitente...

E' que revolves divinaes segredos.
Enchendo as mãos de perolas fugaces,
Gottas que saltam lubricas dos dedos
E uns borrhifos atiram-te nas faces ;

Que aguda voz — a me deixar tranzido
Como a aragem que perpassa entre ruinas !
Que plangente leão curvo, abatido
Nos pés da santa, que lhe ameiga as crinas !

Pelo bafo sonoro entontecida
N'um meigo bocejar — alçaste o canto :
E era o peito a sangrar de Margarida,
E o seu anjo a verter celeste pranto.

Derrama, virgema — no meu seio ardente
Esses lamentos — como a noite é calma !
Anda apanhar a lagrima innocente
Que o teu peito salpicou-me n'alma.

Tobias Barreto.



A SAPHO

Tu voltavas das *courses*, provocante,
N'um costume de jockey, em seda clara ;
Pelos Campos-Elysiós adiante
Olhando desdenhosa a turba ignára.

O reflexo do teu cabelo loiro
Enchia o *boulevard* de lado a lado . . .
Como uma nuvem carregada d'oiro !
Como um trecho do céu todo estrellado !

Os elegantes do Café da Paz,
— O' aguia do Prazer, victoriosa !
Param a discutir a linha audaz
Dó teu corpo gentil, de viciosa.

O seio todo a transbordar nevrose
E o olhar mais doce que o olhar das rolas.
N'uma estudada e requintada *pose*,
Passas ovante em teu coupé de mollas ;

Sem te importar essa ovação *sympathica*,
Sem mesmo ouvir os ditos dos rapazes :
— A *cravache* na mão aristocratica
E no *corsage* um ramo de lilazes.

Dir-se-hia ao ver-te tão robusta e sã,
Formada de brancuras tão subtis,
Venus que sahe das ondas do *can-can*...
Venus que sahe da espuma de Pariz...

Mas ó flor de *Montmartre* ! ao vivo assalto
Do teu amor onde o ideal não arde,
Prefiro, ó cruas desillusões do asphalto !
O absyntho que eu tomo ás seis da tarde...

X. de Carcalho.

A LOCOMOTIVA

Passa veloz um vulto, urrando como fera,
Fazendo estremecer o sólo em convulsões !
As entranhas do espaço o monstro dilacera,
Como um raio a voar nas azas dos bulcões.

Os visos das montanhas tremem abalados
Do monstro ouvindo o enorme e rapido tropel ;
Pávido, o gado arisco foge aos descampados,
E de espanto relincha o indomito corssel.

E no entanto, as fraguas das entranhas
Corre o vulto febril, phantástico e veloz ;
Galga arroios e rasga o ventre das montanhas,
Os echos acordando além . . . n'um guincho atroz !

E nem os magestosos templos das florestas,
Da cordilheira altiva os curvos espinhaços,
Da ingente catadupa as rabidas orchest'as,
Nada, oh ! nada ao gigante enorme impede os passos !

La vai ! Solta o penachó negro para traz,
E co' a trachéa ardente e rubra a resfolgar,
A visão convulsiva, célere e fugaz,
Corre no espaço infindo, louca, a delirar !

E' a locomotiva, o carro triumphante,
Que o abraço fraternal aos povos vai levar ;
Brada-lhe a voz do se'lo audaz--AVANTE ! AVANTE !
E o verbo do futuro, além--MARCHAR ! MARCHAR !

Pedro Soares.

VÁIDOSA

Dizem que tu és pura como um lyrio
E mais fria e insensível que o granito,
E que eu passo ali por favorito,
Vivo louco de dôr e de martyrio.

Contam que tens um modo altivo e sério,
Que és muito desdenhosa e presumida,
E que o maior prazer da tua vida,
Seria acompanhar-me ao cemiterio.

Chamam-te bella imperatriz das fatuas,
A despota, a fatal, o figurino,
E affirmam que és um molde alabastrino,
E não tens coração como as estatuas.

E narram o cruel martyrologio
Dos que são teus, ó corpo sem defeito,
E julgão que é monotono o teu peito
Como o bater cadente d'um relógio.

Porém eu sei que tu, que como um opio
Me matas, me desvairas e adormeces,
E's tão loira e doirada como as messes
E possues muito amor... muito *amor proprio*.

Cezario Verde.

OS FALLADORES

(*Th. Gautier*)

Dizem tão mal, creança, a teu respeito !
Dizem com irrisão
Que tu, no lado esquerdo do teu peito,
Tens um relógio em vez de um coração.
Comtudo como um mar, teu seio ondula
Tormentoso e fremente,
Aos gorgolões da seiva que circula
Sob essa carne nova e florescente.

Dizem também, querida,
Que os teus olhos azues não têm ardor,
E movem-se nas orbitas, sem vida,
Sem reflexão, machinalmente... O' flor
Comtudo muita lagrima iriada
Baila em teus cílios — tremulas cortinas
De tua alma estrellada
De sonhos alvos e visões divinas...

Dizem que são p'ra ti como o sanscrito,
Pois nem o lês siquer,
Os meus versos, os versos que eu recito,
Rimando os teus encantos de mulher.
E comtudo nas petalas vermelhas
Da tua doce bocca perfumada,
Como tribu de abelhas
Dos risos brinca a tribu enamorada.

Dizem... A causa é nosso amor, donzella,
Deixa-me e então verás
Para os que te maldizem serás bella,
Terás donaire e coração terás.

Raymundo Correia.

Ellen! meu céu! meu norte! meu abrigo!
Alma gentil, consoladora e grata!
Ah! quem me déra navegar contigo
Pelos céos, n'uma gondola de prata...

Ou, então, enlaçados como a hera,
Boiar no azul dos lípidos espaços,
Sendo o teu corpo a mística galera,
Com leves remos de marfim, — teus braços!

Haviã de parar, lá muito acima
N'essas regiões fantasticas e bellas.
N'um calmo reino de amoroso clima,
Que ha para além do céu e das estrellas...

D'esse paiz, nas ermas avenidas,
Construiria a minha Torre de Oiro
Onde eu podesse amar-te, ás escondidas,
E eu fosse teu, só teu, meu anjo loiro!

E unindo as mãos de jaspe ennegrecido,
A's tuas mãos tão brancas e assejadas,
A ti ficara para sempre unido,
O' minha branca Apparição de fadas !

Depois, em uma effervescencia louca,
Quizera, apenas, mio-otis do norte !
Collando a minha bocca á tua bocca,
Beber em sonhos o hastchis da Morte...

A. Nobre.



A DIVERSÃO .

 Escravo, enche essa taça,
 Enche-a depressa e canta !
Quero espancar a nuvem da desgraça
Que além nos ares lutulenta passa,
 E meu genio quebranta.

 Tenho n'alma a tormenta
 Tormenta horrenda e fria !
Debalde a douda conjural-a tenta,
Lucta, vacilla e tomba macilenta
 Nas vascas da agonia !

 Pois bem, seja de vinho,
 No delirar insano,
Que afogue minhas lagrimas mesquinho !...
Então envolto em purpura e arminho
 Serei um soberano !

 Cresce, transpõe as bordas
 De brilhante crystal,
Torrente amiga que o prazer acordas...
Toma a guitarra, escravo, afina as cordas,
 É viva a saturnal !

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz...
Anjos... inspirações... mundos de idéas,
Sacudi-me da fronte as sombras feias
D'este scismar atroz!

Que celestes bafagens!
Que languidos perfumes!
Que vaporosas, lucidas imagens
Dansam vestidas de subtlis roupagens
Entre esplendidos lumes!

Tange mais brando ainda
Esse mago instrumento!...
Mais... ainda mais! Que maravilha infuda!
Que plaga immensa, luminosa e linda!
Que de vozes no vento!

São as houris divinas
Que junto a mim perpassam,
Ou de Schiraz as virgens peregrinas,
Que cingidas de rosas purpurinas
Choram Bulbul e passam?

Oh! não, que são ellas,
Mas ai! meus sonhos são!
São do passado as vividas estrellas,
Que a flux rebentam cada vez mais bellas,
De mais puro clarão!

São meus prazeres idos!
Minha extincta esperança!
São... Mas que nota fere-me os ouvidos?
Escravo estulto, abafa esses gemidos!
Canta o riso da bonança!

Canta a paz e a ventura,
O mar e o céu azul !...
Quero olvidar minha comedia escura,
E a ledos sons as larvas da loucura
Bater como Saul !

Leva-me ás densas mattas
Onde viveu Celuta ;
Faz-me um leito á margem das cascatas,
Ou nas alfombras humidas e gratas.
De recondita gruta.

Assim... assim ! Fagueiras,
Escuta já nos ares
As vozes das donzellas prasenteiras,
Que dançam rindo ao lume das fogueiras
No centro dos palmares.

Mais vinho ! Oh ! philtro mago,
Só tu podes no mundo
Mudar os gyros do destino vago,
E fazer do martyrio um doce afago,
De uma taça no fundo !

Oh ! patriarcha antigo !
Oh ! bebedor feliz
Do rôxo sumo da parreira, amiga !
Teu nome invoco, abraço-me contigo,
Vem, vem ser meu juiz !

Basta, servo, de cantos ;
Quero dormir, sonhar,
Sinto do vinho os ultimos encantos...
Molham-me as faces amcrosos prantos,
Vou reviver e amar !

F. Varella.

PERGUNTA

Nos vagos devaneios
Que tens ao por do sol,
Devisas uma imagem
Nas cores do arrebol,
 Pallida,
 Sombria,
Como o postremo raio
Em que se extingue o dia ?

Os echos plangilivos
Do triste campanario
Narram-te alguma estrophe
De um misero fadario,
 Tatrico,
 Medonho,
Como as visões sinistras
Das horas de um máo sonho ?

Acaso de tu'alma
O pudico retiro
Quebra o sentido murmur
De um languido suspiro,
 Timido,
 Furtivo,
Como o voar do vôo
Do pass'ro fugitivo ?

Quando sosinha, occulta
No alvo cortinado,
Oras da noite a prece
Ao Deus crucificado
 Pudica,
 Cheirosa,
Como o primeiro aroma
De uma entreaberta rosa :

Sabes acaso um nome
Ao Deus de amor lebrado,
E córas de medrosa
Se vais pronuncial-o
 Palpite
 De medo
Como se alguém tivesse
Trahido o teu segredo ?

Oh ! dize ! que em minh'alma
Fluctuam negros sonhos,
Antes phantasmas torvos,
Espectros tão medonhos,
 Lugubres,
 Funereos,
Como os errantes fogos
Dos ermos cemiterios.

Oh ! dize-me, querida !
Dize-me que não te esqueces,
Que o riso de teus labios
Esconde o que padeces.

Que é o tumulo doirado
Onde o pesar sepultas,
Aureo sudario aonde
O nosso amor occultas.

Tudo quanto hei presado
Me ha roubado a sorte ;
Oh ! nunca mais te apagues,
Estrella do meu norte.

Christo do morto Lazaro,
Moysès do hebreu sedento.
Abre da vida as portas
Ao filho do termento.

Perdida a crença, a gloria,
Aspirações perdidas,
Das illusões mais gratas
As flores fenecidas :

Ai ! se tambem desprezas
Na hora da desdita
Ao filho da desgraça
Que só em ti medita :

Que mais fará na terra
Se a vida exhaure cansa,
Erma de amiga crença,
Balda de amiga esperança ?

J. M. A. M.



O MEU TESTAMENTO

Vem cá, traze-me a tua caixa de costura
E em vez de agulha tira o teu rosario,
O caso é grave e sério.
Póde causar-te riso...
Tu vais servir-me agora de notario.

Em nome da Santissima Trindade.
Livre o juizo e são o entendimento.
Sentado em teu banquinho,
Inda a teus pés sonhando,
Eu dicto, escreve tu meu testamento,

De todos os meus bens desembargados,
Faço-te a minha herdeira universal ;
Mas não sem condições,
— Guardarás, se puderes,
Meu coração no fundo do dedal.

Deixo-te um longo beijo bem no meio
Da fina bocca... sim guarda-o com medo!
Póde haver algum curioso
Que por instincto ou habito
Tente roubar do cofre o meu segredo.

N'um cantinho do labio entre umas dobras
De purpura subtil e junto á neve,
Deixo-te os meus suspiros
A procurar carinhos
De longas horas em momento breve.

Não te deixo um abraço... foram tantos !
Não sei se o diga, corará teu rosto...
Talvez nas aperturas
Das nacionaes finanças
Quise o fisco lançar-te algum imposto.

Deixo-te aquelle olhar tão feiticeiro,
Meio luz, meio sombra, assim assim.
Ao pé do jasmineiro.
Aquelle olhar tão languido,
Aquelle olhar do banco do jardim.

O mais é reservado e escripto fica
Em teu quartinho ao lado do teu leito,
Flores, quadros, perfumes
Meus sonhos a voar...
Queres um codicilio mas bem feito ?

Guarda estes versos ; são meu testamento
Podem cerral-o anneis de teus cabellos ;
Mas, se ingrata o perderes
Virei roubar-te á noite
Minhas cartas de amor entre os novellos.

José Bonifacio.



CONFRONTO

Hontem, quando ao chegar,
Vi ante mim o infinito mar
Austero e forte como um velho rei,
— Sabes em que pensei ?

Pensei no meu amor, neste oceano
Vasto, dourado e azul que eu tenho n'alma.
E, do pelago verde olhando a calma,
Eu comparei o fundo mar tyrano
A esse outro mar que existe dentro em mim.

Nenhum d'elles tem fim,
Minha criança pallida e querida,
Minha divina e doce prometida !

Ambos são mansos, immortaes, nervosos,
E dormem ambos sob céos luzentes,
Sob astros radiosos
Cheios de brilhos vividos, ferventes.

Olha : Si o mar tem a annilada esphera
O meu amor tem teu olhar, que impera
N'este meu ser, e curva-se profundo
Sobre elle, como um luminoso mundo.

Escuta e cré : Ha muita semelhança
Entre os dois oceanos.
Vivem ambos gemendo ; têm a lança
Das amarguras e dos desenganos
Encravada nos seios arquejantes !

A' hora em que te escrevo, deve estar
O mar na praia em choros lancinantes,
Por não ter tido um beijo do luar
Na titanea cabeça desgrenhada..

Pois tambem dentro em mim ha pranto agora.
Cahe n'esta estrophe a lagrima pesada
De uma saudade funda, e chora, e chora
Este outro mar por um clarão de lua,

O meu luar é uma caricia tua,

"

Hontem quando ao chegar
Vi ante mim o infinito mar
Austero e forte como um bello rei...

Ao meu amor o mar eu comparei.

Isidoro Martins Junior



LIÇÕES DE ANATOMIA

Explicando uma tarde anatomia
por these o - coração, —
Um sabio e velho professor fazia
perfeita discripção

Ralado de desgostos, pouco a pouco,
a cathedra deixou ;
e a ponto de o tomarem por um louco,
com voz que se alterou :

Dizem senhores, pallido exclamava,
" que ninguem conseguiu
viver sem coração... « *Erro!* .. » bradava :
Um erro !... » repetio.

Ha uma filha minha que deixou-me
hontem sem compaixão
Filha que deixa os pais, perde esse nome...
ai !... não tem coração !

Um estudante d'aula escura a um canto,
Longe do professor,
Emquanto os outros ouvem com espanto
já tão visivel dôr,

diz n'um sorriso em que a ironia brilha
a um companheiro seu :
Pensa que falta o coração a filha...
e quem o tem... sou eu ! "

Carlos Coelho.

INNOCENCIA

Estava linda menina
Em um sala a brincar ;
Rubra bocca pequenina,
Uns olhos de verde-mar !

Travessa co' a curta veste,
As pernas deixando ver.
— Que pernas d'anjo celeste !
Imprudente fui dizer.

A criança envergonhada
Suspendeu o vestidinho,
Cobrindo o rosto calada,
— Deixando nú o corpinho !...

Raymundo de Azevedo.



DESEJO DE DOENTE

Querida, quando eu morrer,
Com tua boquinha breve
Não me venhas tu dizer :
— A terra te seja leve !

N'esse dia vem calçada
De botinas de setim :
Quero a terra bem pisada
Tendo teu pé sobre mim !

Em paga de meus amores,
Quando tombar o caixão,
Deita-lhe um ramo de flores
Colhidas por tua mão.

E se mais posso pedir-te
N'esta eterna despedida.
Deixa dos olhos cahir-te
Uma lagrima sentida.

Francisco Octaviano.

IDEIAS

Quando as primeiras venturas
Riem-se doces amores
N'aquellas luzes tão puras
Oh ! alma, o que é que procuras ?
— Flores ! ...

E quando doida e cançada,
N'um longo pesar te abysmas ;
Da vida a sombra passada
O que buscas descuidada ? ...
— Scismas.

Mas quando por sobre escolhos
Naufraga o barco da sorte,
Cercada de mil abrolhos !
O que procuram teus olhos ? ...
— Morte !

A morte ! N'ella consiste
Toda a ventura dos Ceus !
Oh ! alma febril e triste,
Da morte acima o que existe ? ...
— Deus ! ...

ANJO ENFERMO

Geme no berço, enfermo, a criancinha
Que não falla, não anda e já padece
Pensas assim crueis porque as merece
Quem mal entrando na existencia vinha?!

O' melindroso ser, ó filha minha,
Se os ceus ouvissem a paterna prece,
E a mim o teu soffrer passar podesse,
Gozo me fôra a dôr que te espesinha...

Como te aperta a angustia o fragil peito!
E Deus que tudo vê, não a extermina,
Deus que é bom, Deus que é pai, Deus que é perfeito

Sim, é pai, mas.—a crença nol'ô ensina:
— Se vio morrer Jesus, quando homem feito,
Nunca teve uma filha pequenina!

Affonso Celso Junior.



O REGATO

A' beira de um regato pensativa,
Banhava-se uma joven tristemente ;
Um passaro que pairava pelo espaço
N'um gorgeio lhe disse brandamente :

— Ah ! não turves, ó joven, o regato,
Branco espelho onde o céu se vem mirar,
A joven, para o passaro, voltando-se,
Assim lhe diz, em pranto a soluçar :

— Lindo passaro, sabes que o regato
Margeado de jasmims e de boninas,
Transformará em breve as turvas aguas
Em aguas alvacentas crystalinas...

E porque, no vergel, ao meu amante,
Quando elle me abraçava, não disseste,
Ah ! Não turves a alma da donzella !
Oh ! Deixa que reflecta o azul celeste !

Francisco Picanço.



DESAMPARADOS !

Qual d'elles soffre mais ?... aquelle, verga ao peso
Da idade senil, e de uma atroz saudade ;
A fronte encanecida, as faces descarnadas,
Macilentas as mãos, esguias, enrugadas,
Os olhos já sem luz, sem luz o coração !

O outro... uma criança, enfesadinha, loura,
Mal podendo suster ainda os debeis passos,
Os membrositos nús, e o riso desmaiado
A mingua de um materno affecto desvelado !
E os dois de porta em porta a mendigarem pão !

Qual d'elles soffre mais ? Qual é amparo e guia ?...
Enlaçadas as mãos, caminham ; a criança
E' a luz d'aquelle olhar, ha muito amortecido ;
Ampara o velho o passo ao orphão desvalido ;
Qual d'elles é o guia !... e qual padece mais ?

Perdera o velho a filha, arrimo, luz, conforto,
N'aquella escuridão !... ficara o innocente,
(Avesinha inda implume, a visitar saudosa)
Sem mãe !... n'uma orphandade acerba, dolorosa,
Junto do pobre cégo, ouvindo prantos e ais !

Quando ao findar do dia, exhaustos já de forças,
 Entram no triste albergue, e o sentem ermo e frio,
 Augmenta-se o soffrer !... não ter mão carinhosa
 Que os agasalhe ali !... nem voz affectuosa !...
 P'ra o pobre velho então, que triste recordar !!

E a tiritar de frio, a loira criancinha,
 Sem regaço de mãe onde aquecer os membros
 Sem braços maternas para embalar-lhe o somno,
 Encosta-se a um canto, e ali, n'esse abandono,
 Adormece por fim, á força de chorar !

Depois, ao despertar—bemdicta imprevidencia
 D'essa idade feliz !—esquece as agonias !
 Sorri ao dia, ao sol, aos campos, a verdura :
 Não pensa, não prevê, as dores a amargura
 Que o novo dia traz ! é tudo riso e luz !

O ancião, porém, que a luz da intelligencia
 Mede a grande extenção do seu cruel martyrio,
 A saudade sem fim, o intenso desconforto,
 Quando ergue os olhos d'alma a demandar um porto,
 Só vê ao longe a campa, e sobre a campa a—cruz !

Lisbôa.

Julia de Gusmão.

A ALCOVA

A cortina da alcova estava erguida,
representando um quadro deslumbrante,
e eu caminhei, tremendo e vacillante,
para o leito da bella adormecida.

Da lamparina á luz amortecida
que lhe ensombrava o corpo palpitante,
ella, mostrando o riso no semblante
sonhava os gosos intimos da vida.

Quando, eu porém, adiantando os passos,
ia contente, sofrego, risonho,
cobril-a alli de beijos e de abraços,

acordei, exalando um ai tristonho...
E de cingil-a emfim entre meus braços
eu não tive o prazer nem mesmo em sonho.

Eduardo de Carvalho.



O ULTIMO BEIJO

E' de noite. O baixel voga perdido
Pelo mar, entre as vagas fluctuando...
Em cada olhar a morte vem chegando,
Em cada peito, o ultimo gemido !

Da tempestade escuta-se o rugido :
Mas pendentés da náu que se quebrando
Velozmente, se afunda, vão boiando
Dous naufragos, n'um transe dolorido !

Ambos noivos e sós, ambos amados ;
Eil-os pela procella arrebatados,
Levados pelas aguas com furor...

E os seus labios unidos com doçura
Morrem narrando, em phrases de amargura,
A historia triste do seu triste amor !

Henrique Aseredo.



CASTRO ALVES E VARELLA

E' nóite, noite formosa !
Do vento o sopro fremente
Rompendo a calma silente
Sacode os cedros ao val !
E' noite ! porém que importa ?
Se nas fimbrias do horisonte
Brilha a luz e o fogo insonte
De uma aurora boreal !

Do céo o manto estrellado
Reflecte as aguas da fonte,
As brisas que vem do monte
Tem perfumes divinaes !
Então no arraial dos mortos
Lá nos plainos do Oriente,
Rasgando a lousa impotente
Surgem dous vultos iguaes...

Eil-os medem-se altaneiros ;
São dous gigantes funereos ;
Volvendo aos campos sidereos
Olhares de inspiração ;
Um diz ao vento que passa :
« Desde os Alpes ao Sinay,
Oh ! sem temôr desfraldai
O meu branco pavilhão ;

Levai aos tempos futuros
De meus cantos a memoria ;
Nas folhas da patria historia
« O meu nome ha de ficar ..
De meu cerebro incendiado
Nunca o astro se apagou
A chamá que o animou
Inda sinto crepitar :

Das harpas do Rei propheta
Bebi santa inspiração !
« Quiz lutar contra Sansão...
Assim o outro fallou...
Mas da gloria o pavimento
Ao galgar, em um momento
« Meu corpo exausto tombou ;
Calam-se os ventos, escutam ;
O mar cala seus gemidos,
Os genios enternecidos,
Um ao outro estende a mão ;
As fronte erguem ao céu,
E disputando a alvorada
Esta visão laureada
S'escôa pela amplidão...

Oh ! genios da poesia,
Sombras de Tasso e de Dante,
Não preparais neste instante
Uma esplendida capella ?
Vêde estes genios unidos
A' luz do céu que resplende
— E' Castro Alves que estende
A dextra ao grande Varella !

Ernestina F. Varella.

TEMOR JUSTIFICADO

- Constricta venho accusar me
Senhor padre, que pequei.
— Pódes abrir-me teu peito.
— A sòs hontem me encontrei
Com o meu noivo.—E o que mais?
— Pedio-me lhe dêsse um beijo.
— Asneira : e você o que fez ?
— Eu neguei-lhe um tal desejo.
- Andou bem.—Mas...—Ah! peor...
Se ha um *mas* a cousa é ruim.
— Me pedio tanto...—Adiante.
— Que eu concedi-lh'o por fim.
— Fez muito mal. —Que quereis ?
Me causou pena...—Comprehendo
Nunca mais estejam juntos
E' só o qu'eu recommendo.

- Como perigo de morte
evite-lhe a companhia.
— Farei assim ; mas se acaso
eu encontral-o algum dia ?
— Então seus negros intentos
não vacille em desfazer.
— Ah ! meu Padre ! Deus permita
que a sós não torne a ver.

José de Vasconcellos.

FRENTE A FRENTE

Encontraram-se um dia frente á frente,
E recuaram. Suas mãos nevadas
Brandiam duas limpidas espadas
E o seu olhar fulgia heroicamente.

Disse a primeira, rapida, tremente
Com o labio em fogo e as faces abrasadas:
— “ Quem és tu ? Porque me segues as pisadas ?
— “ E tu ? voltou a outra lentamente.

“ Eu ? Sou a hydra que jamais descança,
O rubro facho que adiscordia atica,
O horror do velho e assombro da criança !

Ninguem se atreve a me affrontar na liça :
Olha-me bem ! eu chamo-me a vingança !
— “ Treme de mim ! eu chamo-me a Justiça.

L. Guimarães Junior.



VERSOS POSTHUMOS

(*Iterum Sara*)

Abre-me os braços teus, formosa Magdalena,
Que repouse um amante em seios de alabastro !
Quero doido sorver teus beijos, assucena,
Nessa varanda, á luz do merencorio astro...

Ao luar é tão dôce o tremulo contacto
Das mãos de uma mulher que desmaia enlanguecida !
A' noite filha de Eva, o amor, languido cacto,
Desabrocha sorrindo e enflora-nos a vida.

Vê tu que céu azul, o céu tão estrellado,
Esse que ahí se arqueia e splende pela altura !...
Affasta do triclinio o aureo cortinado !
Aparece-me, ó Sara, e eu morra de ventura !

Solta os cabellos teus, Niagara esplendoroso
Que vai beijár-te a onda alvissima do collo.
A guitarra soluça o cantico amoroso
E eu desmaio na sombra, ó Sara, ó meu consolo !...

E' calmo o teu jardim, na areia da alameda
Em cascatas derrama a lua os seus palóres...
Que me aperte o collar dos braços teus de seda,
Cantemos o duetto eterno dos amores !...

Abre-me os braços teus, quero esculpir em beijos
Em teus labios de fogo e seios de alabastro
O poema deste amor insano... O' meus desejos,
Eu vos pranteio á luz do merencorio astro !...

Gonçalves Crespo.



DINHEIRO

O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão !
Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão !
O fallar, falla d'um modo...
Todo elle, aquelle todo...
E ellas acham-no tão guapo...
Vellinha ou moça que veja,
Por mais esquiua que seja,

Tlim !

Papo,

E a cegueira da justiça
Como elle a lira n'um ai !
E sem pegar n'uma pinça ;
E' só dizer-lhe : ahi vai...
Operação melindrosa
Que não é lá qualquer coisa ;
Catarata ! tomai conta :
Pois não faz mais do que isto,
Diz-me um juiz que o tem visto :

Tlim !

Prompta.

N'essas especies de exames .
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
O que aquelle diabo faz.
Sem saber nem patavina

De grammatica latina,
Quer-se a gente d'alli fóra ?
Vai elle com taes fallinhas,
Taes gaifonas, taes coisinhas...

Tlim

Ora...

Aquella phisionomia
E labia que o diabo tem !
Mas n'uma secretaria
Ahi é que é vel-o bem.
Quando elle de grande gala,
Entra o ministro na sala,
Aproveita a occasião :
Conhece este amigo antigo ?
— Oh meu tão antigo amigo !
(Tlim)
Pois não !

João de Deus.



NÃO PERGUNTES

Não perguntes, mulher, porque sombrio e mudo,
Sinistramente grave, altivo e sobranceiro,
Eu passo sobre a terra indiferente a tudo
Qual passa o velho monge á sombra do mosteiro.

Não perguntes, mulher, porque me enlucta ás vezes,
Como azas de um corvo, o tédio e a indiferença ;
Mas não creias que eu vergue ao peso dos revezes,
Não creias que me gele o frio da descrença.

Tambem sou moço e penso !... Embora muito pobre
Não sej curvar o joelho á face de um senhor ;
E sinto arfar-me o peito um coração bem nobre,
Onde só cabe o orgulho... a gratidão... o amor !

Tambem sou moço e penso ; e vejo que não dorme
A náu que vai sulcando a vaga do progresso ;
Tambem sou moço e sinto o movimento enorme
Com que palpita hoje o peito do universo.

O que me faz tão triste é ver tão grande o espaço,
O sol tão luminoso... e não poder subir !
E' ver que meu talento e a força de meu braço
Não podem dar-me jús á festa do porvir

E' ver que foram vãs, que foram illusorias
Esp'ranças, que nutri de um dia te ofertar
Um nome, que offuscasse o brilho de mil glorias !
Uma gloria, maior que um nome de Czar !

Lyra.



LORELEY

(H. HEINE)

Não sei como explicar esta tristeza
Que está fazendo ninho em minha frente ;
Uma antiga legenda fabulosa
Vem-me á cabeça, como a neve a um monte.

E' lusco-fusco. A athmosphera é doce
E o Rheno manso, á murmurar, serpeia.
No ocaso, ao longe, a testa das montanhas
Brilha com a luz crepuscular que ondeia.

Como que por milagre está sentada
Além a mais formosa d'entre as moças.
Traz uma joia que parece aureolæ,
Penteia do cabello as aureas tranças...

Penteia-o, sim. O pente é de oiro vivo,
E ella gorgeia uma cantiga, um canto.
Sua voz é melodica e selvagem
Mostrando um certo *que* de negro encanto.

Vem vindo um navegante em leve barca...
Ao vêr a moça sente extranha dôr,
Deixa de olhar para os escolhos negros,
Fita somente o vulto arroubador !

Creio que emfim as ondas famulentas
Enguliram a barca e o navegante...
— Eis o que fez com a sua voz trahidora
A fada *Loreley* do Rheno a amante !

Izidoro Martins Junior.



A CARTA

Não sei que afan de ver-te me tortura
Desde que longe estás de mim, criança ?
Só me alimenta a febre da esperança,
Tenho no olhar o espasmo da loucura.

De fundo abysmo na espiral escura,
Que só de imaginal-o a idéa cansa,
Mergulha-me o desgosto, a dôr me lança,
Dôr, que só em ti vêr tivera cura.

Por isso é que ao mandar-te, angustiado,
Este soneto, de minha alma cheio,
Comprimo o coração despedaçado,

Com a mão palpitante, com receio,
Que em impetos de amor arrebatado
Me fuja para ti, pelo—correio.

Th. Dias.



MARINHEAS

AO SR. EDUARDO DE CARVALHO

Pelo atlantico plaino esmeraldino,
a nitida velinha desfraldada
por fresca viração bem enfunada,
deslisa-se veloz batel franzino.

Pelo ar do timoneiro jubiloso
resalta vem a choça regressando
o barquinho gentil, veleiro, airoso,
de abundante colheita ao peso arfando.

Já Vespero no céu scintilla e raia
No anil do espaço a passarada gaia
vai volitando alegre, hilariante.

O filho ao braço rijo, em pé, na praia,
beijada pela vaga que se espraia,
sorri ao pescador a esposa amante.

Edmundo Cascão.



OPHELIA

Entre os verdes canniços a onda
Sobre um leito de areia murmura ;
E, mulher como era, nas aguas
A menina rever-se procura.

Mas enquanto contempla seu rosto,
Que se espalha no azul transparente,
Ella vê uma flor alva e loura
Fluctuar á mercê da corrente.

Nos cabellos a flôr ella prende ;
E, mulher como era, a menina
No regato outra vez se inclinando
Vai mirar sua face divina.

De repente descobre uma estrella,
Que na fronte da noite fulgia,
Que, vaidosa tambem como Ophelia,
No crystal seu fulgor reflectia.

Enlevada de um tal brilhantismo,
Que a seduz com reflexos d'ouro,
Como era mulher, ella tenta
Possuir este novo thesouro.

Ergue a mão para o céu, onde a chamma
Attrahil-a de longe parece ;
Foge a estrella... ella a segue... na praia
Do seu véo de menina se esquece.

O seu tumulo é á beira das aguas,
Onde a estrella de noite fulgura,
E o regato, que vai para o rio
Entre os verdes canniços murmura.

Trad. de Murger.

INVEJA

Sorprehendi-te scismando...
Talvez scismando em amor!
O seu pesinho despido,
Machucava destrahido
No tapete linda flor!

Movendo, porém, ligeiro
Se occultou no sapatinho
Qual ave que, do arvoredo,
Alguem presente e com medo,
Depressa vóa p'ra o ninho.

Porque fugiste, pesinho,
Me deixando em dissabor?
Meu olhar-te contemplara...
E o coração invejara
A sorte d'aquella flôr!

Raymundo de Azevedo.



O CANTO DO CYSNE

Ah !... preparam-se todos para a vida;
E só eu me preparo para a morte ;
Minha crença, andorinha foragida,
Voa... voa sem norte.

No tadio horisonte dos meus sonhos
Inda lhe vejo arfando a ponta d'aza !...
Adeja !... Nesses páramos risinhos
Tudo ! tudo se arraza!

Eu nada mais espero, oh ! meu destino,
— Taça manchada ao halito da sorte !
Vou para a campa sem levar um hymno,
Que me cante na morte !

E só me dóe, oh ! santa ! o ver chorares,
De lagrimas de fogo me regando !...
Perdoa o filho que abandona os lares !
— Tambem, mãe, vou chorando !

E o soluço tristissimo do morto,
Bebe-o na aragem que gemer do norte !
Foi nessas plagas... no sinistro porto
Que elle encalhou na morte !

Hugo Leal..

VAMOS RIR...

Vamos rir... que t'importa, miseravel,
A tristeza que o peito teu invade ?
Vamos rir. . . que t'importa a inexoravel,
A tristissima, atroz, funda saudade
De tu'alma guardada nos esfolhos,
— Na jaula do coração,
Como abysmo escondido nos escolhos!...

O mundo tem, ás vezes,
Um sarcasmo feroz p'ra os que padecem !
O calice de fezes
P'ra os que cansam na lucta e desfallecem .

Viver—é percorrer um labyrintho,
Nem sempre brilha o sol... a noite avança,
E tudo quanto eu sinto .
Provém de já não ter mais esperanza !

Vamos rir... mas o riso truanesco
Da dôr, que se disfërça pr'è mentir !
Vamos rir... mas o riso—fel—dantesco,
D'um peito já cansado de sentir !...

A surpresa esperada,
— A morte, que se embuça no mysterio ;
Quando transpõe o limiar do *nada*,
Ri tambem o seu riso deleteric !...

Decora o teu papel n'esta comedia
Com calma e perfeição !
Não te excedas na dôr e toma a media
Das pancadas, que pulsa o coração !

A F'licidade è uma mulher que passa
— A cantar, quando chora a Desventura !
O mundo é sempre o mesmo—uma chalaça
Ironica a apontar a sepultura !

Alfredo Peixoto.

PEDRO IVO

Perdoai-lhe, Senhor! Elle era um bravo!
Fazia as faces descorar do escravo,
Quando ao sol da batalha a fronte erguia
E o corcel gottejante de suor
Entre sangue e cadaveres corria!
— O genio das pelejas parecia...
Perdoai-lhe, Senhor!

Onde mais vivo, em peito mais valente,
N'um coração mais livre o sangue ardente
Ao fervor desta America bulhava!
— Era um leão sangrento que rugia,
Da guerra nos clarins se embriagava
E vossa gente pallida recuava
Quando elle apparecia!

Era filho do povo! O sangue ardente
As faces lhe assomava incandescente,
Quando scismava do Brasil na sina...
Hontem—era o estrangeiro que zombava,
Amanhã era a lamina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava!

Era medonho o rubro pesadelo !
Mas nas frentes venaes do genio o sello
Gravaria o anathema da historia !
Dos filhos da nação a rubra espada
No sangue impuro da facção ingloria
Lavaria dos livres na victoria
A mancha profanada !

A frente envolta em folhas de loureiro
Não a escondemos, não!... Era um guerreiro !
Despio por uma idéa a sua espada !
Alma cheia de fogo e mocidade,
Que ante a furia dos reis não se acobarda,
Sonhára nesta geração bastarda
Glorias... e liberdade !

Tinha sêde de vida e de futuro ;
Da liberdade ao sol curvou-se puro
E beijou-lhe a bandeira sublimada !
Amou-a como a Deus e mais que a vida !
— Perdão para essa frente laureada !
Não lanceis á matilha ensanguentada
A aguia nunca vencida !

Perdoai-lhe, Senhor ! Quando na historia
Vêdes os reis se coroar de gloria,
Não é quando no sangue os thronos lavam
E envoltos no seu manto prostituto
Olydam-se das glorias que sonharam !
Para esses — maldição ! que o leito cavam
Em lodaçal corrupto !

Nem sangue de Rattcliffis o fogo apaga
Que as frentes populares embriaga,
Nem do heróe a cabeça decepada
Immunda, envolta em pó, no chão da praça,
Contrahida, amarella, ensanguentada
Assusta a multidão que ardente brada
E thronos despedaça !

O cadaver sem bençãos, insepulto,
Lançado aos corvos do hervaçal inculto,
A frente varonil do fuzilado
Ao somno imperial co' os labios frios
Podem passar no escarneo desbolado,
Ensanguentar-te a seda ao cortinado
E rir-te aos calefrios !

Não escuteis essa facção impia
Que vos repete a sua rebeldia...
Como o verme no chão da tumba escura
Convulsa-se da treva no mysterio,
Como o vento do inferno em agua impura
Como a bocca maldita vos murmura :
Morra ! Salvai o imperio ! »

Sim, o imperio salvai, mas não com sangue !
Vede—a patria debruça o peito exangue
Onde essa turba corvejou, cevou-se !
Nas glorias do passado elles cuspiram !
Vede—a patria ao bretão ajoelhou-se,
Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se !
Elles a prostituiram !

Malditos ! do presente na ruina
 Como torpe, despida Messalina
 Aos apertos infames do estrangeiro,
 Traficam d'essa mãe que os embalou !
 — Almas descritas do sonhar primeiro
 Venderiam o beijo derradeiro
 Da virgem que os amou !

Perdoai-lhe, Senhor ! nunca vencido.
 Se em ferros o lançaram foi trahido
 Como o arabe além no seu deserto,
 Como o cervo no páramo das relvas,
 Ninguém as trilhas lhe seguira ao perto*
 No murmúrio das selvas.

Perdão ! por vosso pai ! que era valente.
 Que se batia ao sol co' a face ardente,
 Rei—e bravo também e cavalleiro !
 Que da espada na guerra a luz sabia
 E ao troar dos canhões intumescia
 O peito de guerreiro ?

Perdão, por vossa mãe ! por vossa gloria !
 Pelo vosso porvir e nessa historia !
 Não mancheis vossos louros do futuro !
 Nem lisongeiro incenso a nodoa exime !
 — Lava-se o polluir de um leito impuro,
 Lava-se a pallidez do vicio escuro,
 Mas não lava-se um crime !

Alcares de Acredo.

PAGINA INTIMA

A MINHA MULHER

Quando elles vêm saltitantes
Como entre os floridos ramos—
Os colibris doudejantes
E os travessos gaturamos,
 Dizer-me as cousas mimosas
 Que Deus ensina ás crianças,
 Cousas tecidas de rosas
 E bordadas de esperanças.
Phrases pipillos, blandicias,
Intraduziveis harpejos,
Que tentam como caricias.
E seduzem como beijos :
 Sinto-me bom, compassivo,
 Grande, forte e entusiasta;
 Sinto que existo, que vivo :
 Sinto-me alegre e me basta.
Pois esses brancos amores
Allivio dos meus martyrios,
Que afogam as nossas dores
N'uma cascata de lyrios,
 Essas aves saltitantes,
 Esses mimos, esses brilhos
 São nossos beijos errantes,
 Cecilia !—São nossos filhos.

Luiz Guimarães.

AMOR E DEVER

Para ti o amor me chama ;
De ti me affasta o dever ;
Dize-me por tua vida.
A qual hei de obedecer !

Se te amo ? Não perguntes ;
E' inutil responder :
Eu daria a vida, e a alma,
Para contigo viver.

Mas, se não podes ser minha,
Se me não ousas querer
Deixa-me ao menos, querida,
Escravo a teus pes morrer.

Perdão ! Porém se me ordenas
Que não falte ao meu dever,
Aparta de mim teus olhos,
Porque me podem perder

F. G. de Amorim.

AO PARTIR

Eu vou dizer-te adeus, eu vou deixar-te em breve,
E tu ficas talvez risonha e socegada,
Radiante como a luz e fria como a neve,
E alegre como o céu ás horas da alvorada.

Adeus, ó meu amor, ó meu intimo sacrario,
Meu sonho perfumado alegre e matinal !
Eu ao deixar-te sinto uma agonia igual
A' que sentio Jesus no monte do Calvario.

O inverno vem chegando ; os humidos nevoeiros
Fluctuam pelo azul subtis e transparentes,
Escutam-se do mar uns canticos pungentes,
Solta-os a voz do vento e a voz dos marinheiros.

Adeus ; si um dia quando, ó flôr de meus anhelos,
Pensares neste amor fatal, immenso e triste,
Lembra-te deste adeus que em lagrimas me ouviste,
E envolve-te a chorar no véo dos teus cabellos.

Que eu ao sentir crescer esta paixão fremente
Como as ondas do mar a tempestade agita,
Em doidos turbilhões, quando o luar palpita
Sobre o dorso febril da vaga impertinente.

Embora rasgue os pés nos áridos abrolhos
E nunca mais p'ra mim desponte a luz do dia,
Ao sentir murchas n'alma as rosas d'alegria,
Hei de pensar em ti co'as lagrimas nos olhos.

Macedo Papança.

NAPOLEÃO

Star of the brave !

BYRON.

Olhai: vêde-lhe a fronte, a séde dos prodigios,
Que dominava altiva os thronos europeus,
Agora, immerso e absorto em pensamentos lugubres,
Erguer-se merencoria á curva azul dos ceus!

O Prometteu d'outg'ora ! e nessa fronte ebúrnêa
Mil vezes scintillam a luz d'uma epopéa !
Mil vezes a ambição, que curvava o animo,
Deu forma, luz e vida a mentirosa idéia—

Tu eras como o raio ! cercavam-te no solio
Mil duques—Marechaes—Suprema radiação !
E os bravos de Marengo e os batalhões de Rivoli
Arrojam-te aos pès os louros da ovação !

Tu eras vida e luz ! eras o centro harmonico
D'uma nação ideial, que te osculava a stryngé ;
E, qual o antigo monstro, em face das pyramides
Já eras do porvir o assignalado sphynge !

Eras um semi-deus ! O pedestal e a cupula
D'uma obra, concebida em horas infernaes,
Que devia, mais tarde em apertado circulo,
Ligar a velha Europa ás plagas orientaes.

Tu eras como a lava ! A' tua voz fatidica
As gerações no pó ficaram sepultadas ;
E tu, dos reis feudaes, dos párias cadavericos,
Ouvias socegado as funebres risadas !

E os velhos Pharaòs, nos sumptuosos tumulos,
Ouvindo o caminhar das tuas legiões,
Julgavam que Israel o povo dos prodigios—
Tornára a regressar do mundo das visões !

E embalde a tyrannia oppunha aos tres exercitos
D'um muro de canhões a bruta heroicidade !

Porém cahiste assim ; mas quando um povo unanime
Salvara estrepitoso a luz da Liberdade !

Cunha Vianna.

A ESCRAVIDÃO

Si Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o opprime,
Si elle consente esse crime,
Que se chama escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancal-os do abysmo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.

Si não lhe importa o escravo,
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrando assim de vergonha
A face dos anjos seus,
Em seu delirio ineffavel,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus !...

Tobias Barretto.



A SERENATA

— Oh ! minha mãe, que harmonias
Vem meu sonno interromper !
Não ouvis ?... ai ! são tão bellas
Que me sinto reviver !

— Dorme, filhinha, é o delirio
Que te causa a febre ardente ;
Quem tocará serenatas
Na porta d'uma doente ?

— Não é musica terrestre
Que ao somno rasgou-me o véo ;
Oh mãe ; é o coro dos anjos
Que me chamam para o céu !

Fagundes Varella



SEI AMAR

Sei amar com paixão ardente e fida,
Como o nauta ama a terra, como o cego
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar ; porém do immenso pègo
D'uma existencia misera e cançada;
Quero uma hora, um instante de socego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
A um peito de mulher que me entendesse,
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porém que fosse minha e que eu soubesse
Que os labios que beijei são meus somente,
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece ;

Nem vai de prompto derramar demente
N'outros ouvidos a palavra, o acento,
Que em extasis de amor criei fervente ;

Nem corre o seu volatil pensamento
Quando fallo, a pensar n'outros amores,
N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais acostumado a teus rigores,
Não me queixo, bem vês, mas despedaço
A prisão vil, embora occulta em flôres.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
Como senhor campeia—ao mais querido
Cede o ingresso; ao mais ditoso o passo

Não me contenta um coração partido,
Um só amor que a dous pertence, —um peito,
Que bate por dous homens, fementido.

Se eu unico não sou, —vil, não aceito
Ser sêgundo em amor; —inteiro e nobre,
Vale um throno; —partido, é dom tão pobre,
Que eu pobre, como sou, de activo engeito.

Gonçalves Dias.



PARIS

Eu entrei commovido a celebre cidade,
Alma da humanidade
Metropole do Mundo.
Havia dentro em mim o agitar profundo,
Como n'um mar immenso,
De tudo quanto penso,
De tudo quanto sinto :
Era de sensação estranho labyrintho.
Como quem sahe da treva e sente de repente
A perturbar-lhe a vista a onda refulgente
D'um fóco de luz viva,
Assim tambem fiquei ante a cidade altiva.

E' que alli me surgia
A' vivida memoria
A bella hegemonia
D'uma formosa historia,
O trabalho valente, heroico e soberano
D'um povo generoso e nobremente humano
D'uma nobreza tal,
Que toca ao sacrificio,
Pois delle parte o inicio
De todo o bem social.

Fulgurava-me alli em synthese esplendente
Tudo quanto o Occidente
Na marcha evolutiva aos sec'los conquistou.

Em cada monumento
Que o esforço levantou
Na capital robusta
Eu via o luzimento
D'uma epopéa augusta.
Ainda nos signaes desse brutal orgulho
Da matança e do esbulho,
Que ergueu por toda a parie
No fulgido recinto a mão de Bonaparte,
O barbaro sicario
Do 18 brumario;
Ainda ahi eu via
D'um povo desvairado
A nobre galhardia
D'um anhelar sagrado
Tudo quanto a vontade, o amor, a intelligencia,
A vida industrial, a poesia, a sciencia.
As emoções do bello e a sêde de igualdade,
A justiça, a verdade;
Tudo quanto afinal o homem tem creado
De grande no presente e grande no passado,
Tudo se encontra alli como mil soes n'um só!
Paris é centro, é nó
Da vida occidental,
E' a brilhante somma
De Athenas e de Roma
Do mundo medieval:
Resultante feliz, grandiosa addição,
Onde entra 89 e avulta a convenção!
Aquelle que visita
A esplendida cidade,
Sente que alli palpita,
Sente que alli habita
O coração, o genio, a luz da humanidade

Antonio de Souza Pinto

LEMBRAS-TE

Era a tardinha : a luz no monte debruçada
Nos enviava o—adeus—com tepido languor ;
Brincava em nossas tranças a brisa embalsamada,
Tudo ante nós sorria, desde a graminea á flor.

E tu me perguntaste com essa falla aéria,
Tomando minha mão nas tuas mãos mimosas :
— “ Porque scismando fitas a vastidão siderea ?
Porque contempas muda as tenues nebulosas ? ”

Escuta : a terra sagra ao sol mil harmonias !
A fronte ondula tremula a superficie azul ;
Vagam no espaço,—errantes—celestes melodias,
E roseas nuvens cingem a amplidão do sul.

No ar brincam as sombras com seus fulgores pallidos !
As aryades desdobram as azas transparentes ;
Esquece a magnolia do dia os raios callidos,
E os alvos nenuphars se occultam nas correntes.

Ao longe, o busto negro da immensa serrania
Campeia magestoso ao languido clarão...
Esvai-se lá nas selvas o som d’Ave Maria
E a trepadeira rubra alastra o molle chão.

Argenteas cataratas rolando pelas fraguas
Sacodem catadupas de lindos diamantes ;
Na face dos arroios, na candidez das aguas,
Perfumam mariposas os corpos cambiantes.

Não me pergunte mais com essa falla aëria
Porque muda contemplo as tenues nebulosas,
Porque scismando fito a vastidão siderea,
O' sylphide embalada em nevoas vaporosas !

Vejo no lago azul, na flor, los verdes montes,
O Ser que cria a brisa, e doira o arrebol ;
Que impelle a nuvem tímida por sobre os horizontes,
Que fazendo-nos de pó, vestio de luz o sol!

A. Amalia.



À CONCHA E À VIRGEM

Linda concha que passava,
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha, onde estava
Triste donzella a pensar ;

Perguntou-lhe : Virgem bella,
Que fazes no teu scismar ?
— E tu, pergunta a donzella,
Que fazes no teu vagar ?

Responde a concha :—Formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Nem sei onde vou parar !

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar :
— Eu tambem vago na vida,
Como tu vagas no mar !

Vais d'uma a outra das vagas,
Eu d'um a outro scismar ;
Tu indolente divagas,
Eu soffro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deus :
Buscas a vida, — eu a morte ;
Buscas a terra, — eu os céos !

Gonçalves Dias.

FLOR DO MAL

Venceste ! eis-me a teus pés, obedecendo a sorte,
Escravo da attracção que exerces sobre mim :
— Uma finlria da terra em pélago sem norte
Não vale o sol do amor n'uma negrura assim.

Liberta do sendal de estultos preconceitos,
Vai, minh'alma ! sê grande ! encara, afouta, o abysmo !
Hão de embalar-te ahí os gozos mais perfectos.
E de fogo e de luz será o teu baptismo.

Que importa navegar em férvida voragem,
Se um sôpro bemfazejo equilibrar a fê ?
Se através da neblina avuita doce imagem,
Que importa que a procella angustias mil nos dê ?

Para ressuscitar as minhas mortas crenças,
Basta um olhar, mulher. A um simples olhar teu
Verás abrir-se a campa. e em espiraes immensas
De fogo—transformar-se o pó que alli jazeu.

Iman, perante o qual a idéa não resiste,
Arrebata-me tudo einfim, que tudo é teu !
Mas eu quero tambem a luz que em ti existe ;
Eu quero a luz do inferno—e dou-te a luz do céu.

N. de Lacerda.

MORTO!

(ANTE O TUMULO DE JOSÉ BONIFACIO)

Calou-se emfim aquella voz divina
Que vibrava em teu nome ò Liberdade!
Solemne, como a voz da tempestade,
E arguta, como o raio que fulmina.

Quando do Imperio a vasa bysantina,
Em preamar negreiro, a Patria invade,
Lama e sangue esvurmando. . a austeridade
D'aquella voz não mais a recrimina !

A ultima cigarra impertinente
Da honra e do dever, da styge em meio,
Estalou a cantar o sol nascente...

...Aquelle sol que, inda a surgir, não veio
Remir a negra e dolcrosa gente:
— Não o lastimo oh ! Patria!—eu te pranteio.

Generino dos Santos.



RECITATIVO

Si eu te dissesse, Magdalena pallida,
Fando mysterio que meu peito occulta,
Si eu te dissesse que amargura estollida
Era mar de prantos meu viver sepulta ;

Si eu te contasse que tristezas funebres
Meu seio rasga por febrentas horas,
Que chammas vivas, que delirios lugubres
Cercam-me o leito de infantis auroras ;

Ah ! tu que aos males desconheces, perfida,
O saibo impuro, o lacerante anseio,
Erguendo os olhos sobre o véo da duvida
Talvez dissêras a sorrir :—Não creio !

E no entanto quantas horas pávido
Passei fitando teu divino rosto !
Que longas noites ao deixar-te, tremulo,
Torci-me em crises de infernal desgosto !

Ah! tibia estatua, na friez do marmor
Siquer um broto de paixão se occulta!
A vida esvai-se de meu peito debil
E junto á campa mais a dôr se avulta.

Dize, impiedosa, que rigor satânico
Fez de minh'alma o pedestal da tua
E a teus olhares me encadêa fatuo,
Bem como o lago reflectindo a lua!...

Si, o peito oppresso a teus joelhos, lívido,
Gemesse—Eu te amo! em derradeiro anseio,
Sei que mostraras-me um sorriso irónico,
Sei que disseras a sorrir :—Não creio.

Fagundes Varella.



A SEXTA

De um sereno ribeiro ás frescas margens
Bordadas de boninas,
Na mão nevada repoisando a face,
Lilia, a mais bella das gentis pastoras
Socegada dormia.
Ella dormia ; o zephyro ligeiro
Timido e respeitoso
Nem se atrevia a sussurrar-lhe em torno,
Mais placida corria a debil onda
E o plumoso cantor nem murmurava.
O sol, que no zenith
Vibrava raios da mais alta esphera,
Parecia affastar-lhe ao longe a calma.
Espesso freixo, que rodeiam myrthos,
Longe estendia a cupula frondosa,
E, vaidoso do amigo que prestava
De namorado requebrava os ramos,
Aos pés da nympha a medo se beijavam,
Quasi affogando o gôso,
Sem lassivo arrulhar, meigas pombinhas.
Mal lhe cobria os membros delicados
Pouco avaro sendal candido e fino :
Via-se a perna, resvalando a furto,
De polido marfim que d'alvo céga ;
Via-se a fôrma do elegante corpo,
E o delicado seio
Suave palpitando

Que doce, voluptuoso movimento,
 Dos labios entre-abertos lhe spirava
 Mais divino perfume que a ambrosia ;
 Pouco restava ao soffrego desejo
 Debil imaginar de almos thesouros.
 Julguei da equorea Chypre nas florestas
 Ver a meiga Erycina de cansada
 Por Adonis chamar que adormecêra.
 Manso e manso approximo, em cada passo
 Confuso, arrebatado.
 Cuidando commetter um sacrilegio.
 Affasto a medo os ramos invejosos,
 Oh ! . . . Lilia reconheço, Lilia a ingrata
 Que ha muito me fugia : corro a ella,
 Começo a lhe beijar as róseas faces,
 Beijo-lhe as niveas mãos e os garços olhos :
 Nas veias me pullula ardor celeste...

Osculo ardente
 Do brando seio
 Já sem receio
 Lhe ousou roubar :

Prazer celeste
 Lhe entr'abre os lumes,
 E mil queixumes
 Já a formar.

Vou a applacal-a
 Balbuciamos...
 E ambos ficamos
 Sem respirar...

A. Garrett.

JUDITH

INSPIRAÇÃO DE UM CONTO DE F. DE ALMEIDA

Era uma flor, e consumia as flores ;
Era uma rosa, e mastigava as rosas ;
Tinha na face hystericos palóres,
E n'alma tinha erupções radiosas.

Não sei... Mas acho que bebia aromas
Em vez de os labios mergulhar em agua ;
Trahia a dôr de uma infinita magua
No arfar veloz das delicadas pomas.

Como era humana e ao mesmo tempo etherea !
Ah ! como ria a mascara funerea
Da sua face, olympiamente bella,

Quando ella via uma roseira branca !...
Pobre ! Era então que uma alegria franca
Punha arreboés no doce rosto della !

Izidoro Martins Junior



A UM JUIZ

Considerando que as flôres
Existem para o nariz
E as mulheres para os homens
Na opinião do juiz;

Considerando que as moças
Ariscas como a perdiz,
Devem ter seu perdigeiro,
Na opinião do juiz ;

Considerando que a gente
Não pôde viver feliz
Sem fazer seu namorico,
Na opinião do juiz ;

Amemos ^otodos, amemos,
E' Cupido quem o diz ;
Pois *namoro não é crime*,
Na opinião do juiz...

Tobias Barretto.



A MORTE DE OPHELIA

(EM FACE AO « HAMLETO »—VERSÃO FREITAS)

I

Desennastrada a coma roçagante,
descorado o semblante granadino,
vago o olhar languido e azulino,
o roupão virginal esvoaçante.

detem-se a loira Ophelia delirante
á beira d'um ribeiro crystallino,
derivando-se limpido, argentino,
marginado por gramma verdejante.

Esgueirava-se além bem rubro o sol,
Em delicados sons auri-rosados,
de purpurá e fino oiro recamados,
erravam ainda os flocos do arrebol.

E a lua casta e pura — alva camellia
viçando no vergel — o firmamento
— de um seraphim suspiro em fragmento
com dcçura ideal banhava Ophelia.

II

N'alma estampada a imagem de Hamleto,
o aspecto seductor, o olhar dolente,
tal a adorada imagem do fervente
Romeu, no coração da Capuleto,

phantastica grinalda entretecia
de ortigas, rainunculos e boninas
e varias outras flores purpurinas
que mollemente alli ceifando ia.

Dos salgueiraes as frondes vicejantes
tangidas pelo vento ves pertino,
que soprava fagueiro — um doce hymno
desferiam as folhas murmurantes.

Dos rouxinões os ultimos cantares ;
da passarada alegre, hilariante,
a chilreada vivaz e estrepitante,
de melodicos sons enchiam os ares.

III

A' tige de um salgueiro, inda verdose,
cua bella folhagem se espelhava
no doce fluido em que se debruçava,
Ophelia trauteando e delirosa,

incauta vai subir Eis que raivosa
lufada feracissima açoitando
quebra o verdoso hastil, precipitando
na clara lympha a virgem vaporosa.

Cantam os cherubins hymnos mimosos
âpparição de um anjo annunciando.
Os verdes salgueiræes vão soluçando
plangentes carmes, ternos, lamentosos.

E o meigo luar doce, encantador,
que na branda corrente se espraiaava,
com lyrial sudario amortalhava
de Ophelia o niveo corpo arroubador

Edmundo Cascão.



DULCE

Vi-a um dia na rua. Flutuante
Ao desdem lhe cahia a loura trança ;
Como a luz de um pharol, essa criança
Levou-me atraz de si... triste bacchante !

Era o seu nome Dulce. O povo rude
Apontava-a mofando, quando a via.
Docemente sorrindo, ella dizia:
Tu sabes, se te amei santa virtude !»

Um dia a quiz beijar; fugiu-me triste :
« Dulce me chamam, disse, que amargura !
Este corpo que vês, é sanie impura
Nem mais amargo fel no mundo existe.

« Que tórva historia a minha ! é breve, attende :
Por minha mãe, que a fome allucinava,
Lançada fui no abysmo ! Então amava...
Hoje sou Dulce , a lama que se vende...

Gonçalves Crespo.

A' VISTA DO RECIFE

É a cidade valente,
Brio da altiva nação,
Soberba, illustre, candente
Como uma immensa explosão !
De pedra, ferro e bravura,
De aurora, de formosura,
De gloria, fogo e loucura...
Quem é que lhe põe a mão ?

Maguas tem que estão guardadas,
Quando as vingar é sem dó !
Raça das Romas tombadas,
Das Babylonias em pô,
Quer ter louros que reparta ;
Vencer, morrer não lhe farta...
Grande, da altura de Sparta,
Affronta o mundo ella só !...

Com os seios entumecidos
Do germen de muito heróe,
Tem nos olhos aguerridos
Fulmina luz que destroe.
Detesta a classe tyranna,
Comsigo mesma inhumana,
Vê seu sangue que espadana,
Ri de raiva, e diz : não doe !...

No seu pisar progressivo
Ostenta um certo desdem ;
Suspendendo o collo altivo,
Não rende preito a ninguem.
Lê no céu seu fado escripto,
Quando o Brasil solta um grito,
Franze a testa de granito
E diz ao estrangeiro : vem !...

Sim, eu vejo ainda a espada
Na tua dextra reluz,
Cabocla civilisada
De pernas e braços nus,
Cidade das galhardias.
Que no teu punho confias,
Coeva de Henrique Dias ;
Guerreira da Santa Cruz !

Estremecida, ridente,
Como que esperas alguém.
Ouves um som de torrente ?
E' a grandeza que vem . . .
Teu halito alimpa os ares,
Por cima do azul dos mares
Prolongam-se os teus olhares,
Que vão namorar além . . .

Não te pegam em descuido ;
Teu movimento é fatal.
E a liberdade, esse fluido,
Que forma o gladio, o punhal,
Nos teus contornos ondula,
Nas tuas veias circula,
E vai chocar-te a medula,
Dos ossos de pedra e cal.

E' um lidar incessante :
Cahe-te da fronte o suor ;
Ferve tua alma brilhante,
E tudo é bello em redor.
O assombro lambe-te a planta,
Na estrella, que se alevanta,
Pousado o teu genio canta :
Vai ser do mundo a maior !

Tens aberta a tua historia ;
Laboras como um crysol ;
Como um estygma de gloria,
Nos hombros queima-te o sol.
A guerra, á guerra é teu cio,
Fera !. O estrangeiro frio
Se aquece ao beijo macio
Dos teus labios de arrebol.

Assopras nos grandes tubas,
Que despertam as nações ;
Eriçam-se as ferreas jubas,
Uivam as revoluções...
Teus edificios dourados
Vão-se erguendo penetrados
Da voz dos Nunes Machados,
Do grito dos Camarões !...

Com a morte bebes a vida ;
Não te abalas, não te does !...
De ouro e luz sempre nutrida,
Novas idéas remoes.
E' que á voz das liberdades,
Calcadas as potestades,
Germinam, brotam cidades
Do sepulchro dos heróes !

Possa a coragem de novo,
Teu bafo ardente inspirar,
E a gloria sahir do povo,
Como tu surges do mar...
O coração te o advinha,
De fome o ferro definha,
Ruge o gladio na bainha,
Como na gruta o jaguar...

Sejam meus votos aceitos :
Dá-me ver tuas acções,
Dá-me sugar esses peitos,
Que amamentaram leões...
Sahiste nua das matas,
Não temes, não te recatas,
Contra a frota dos piratas
Açula os teus aquilões...

Tobias Barretto.



MUCAMA

Ella era quasi branca : o sangue ardente
Dava-lhe a pelle a viva animação
Das virgens de Murillo.

O vél-a a gente,

Era vêr a mais bella carnção
Nas ondulantes formas d'uma Venus.
No seu olhar fulgia a luz mais pura.
Muito poeta se desfez em threnôs
Ante aquello brilhante formosura
Nasceu, pelo que ouvi, d'um desfastio
De seu proprio senhor, homem casado,
Que se punio do conjugal desvio,
Azorragando o ente desgraçado
Que ousou ceder-lhe aos seus sensuaes desejos.

Fructo soberto de paixão brutal,
Se não teve na infancia ternos beijos,
Nem o calor do seio maternal,
Não foi calir na lama da senzalla.
Valeu-lhe o delicado sentimento
Da esposa de seu pai.

Era da sala

Quasi que indispensavel ornamento.
Dormia com yáyá- uma belleza
D'olhar profundo e alvura sorprendente.

Semelhantes na idade e gentileza,
Era uma d'outra a doce confidente
No revelar das cousas mais secretas.

Em casa se fallara n'alforria
Da linda escrava. Opiniões discretas
Combateram a idéa.

O Pai dizia :

« A liberdade é má p'ra a escravatura.
O dar a carta á mulatinha honesta
Fôra atiral-a á corrupção funesta,
Ao lodaçal que a abolição procura.

Houve applausos geraes dos circumstantes.
Alguns —homens sensatos da lavoura—
Confessaram que o mundo se desdoura
Por supportar a sucia de tratantes,
Que anda ta chamar de infame a escravidão
E affronta da justiça e da verdade.

A mucama porém attinge a idade
Em que bate mais forte o coração.

Sinhôzinho tratava-a docemente
Ao vir passar as ferias de anno em anno.
No jardim, uma tarde bella e quente,
Emquanto yáyá dedilha no piano,
Ouvio-se o murmurar de voz queixosa
E o vivo som de um beijo apaixonado.

N'esse momento um colibri dourado
Sugava o mel de purpurina rosa...

Agora é facil conceber o resto,
A formosa e sensivel mulatinha
Foi crear o seu filho na cosinha,
Como castigo ao vergonhoso incesto.

Antonio de Souza Pinto.



ET NUNC ET SEMPER

Mais puro que o azul d'um céu purissimo,
Mais doce que o trinar do rouxinol,
Mais amplo que o surgir de um arrebol
Matutino, ideal, vasto suavissimo ...

Mais intimo que Deus (Deus me perdôe !)
E' este amor ! tão meu, que ainda ha de,
Embora a alma a outra estancia vòe .
Viver de ti , por ti, na Eternidade.

Deixa que os mãos prosigam na Contenda
De infamias e labéos ! A minha idéa
Não póde conceber que se desprenda
D'ella, jamais, esta immortal cadeia.

Quando o meu coração ebrio de amar-te,
As pulsações sustar, quasi desfeito,
Para além do sepulchro hei de levar-te,
Como reliquia dentro do meu peito.

Mudado, então da Campa o terreo laço
Em plena luz, em plena liberdade
Teu nome vinculado no espaço,
Teu nome irá commigo a Eternidade.

N. de Lacerda.

NADA

Tudo é nada no mundo ! O nada é tudo,
Porque tudo do nada foi tirado !
Porque no nada tudo é transformado,
E ao nada volverá n'um dia tudo !

Deus, do nada com um gesto tirou tudo
Pois do nada o universo foi tirado !
E n'um dia no nada transformado
Deixará de existir ! e assim vai tudo .

Só nossa alma persiste ; e Deus eterno
Cuja essencia é de si mesmo increada,
Por ser um Ser divino,—Ente Supremo !

Na potencia do mundo agigantada,
Nesta terra, nos céos no proprio inferno
Somente uma palavra eu leio :—NADA.

Joaquim Nabuco.



NA ROÇA

Juntõ da portã assentada,
Trabalha alegre a roceira
Um meigo anjo, uma fada
Uma visãõ feiticeira

Chega cantando o marido
Um moço loiro engraçado
Que traz consigo o vestido
Já ha muito encommendado.

Ella contente e sorrindo
Pega na chita e medindo
Diz-lhe com meigo carinho :

- Muito bonito o riscado
- Mas p'ra fazer de babado
- Creio que falta, *bemzinho*.

Pimentel.



CEROMO

Na alcova sombria e quente,
Pobre de mais, se não erro,
Repousa um moço doente,
Sobre uma cama de ferro.

Pede-lhe baixo, inclinada,
Sua mulher—que adormeça
Em cuja perna curvada
Ella reclina a cabeça...

Veio uma loura figura
Com a colher da *tintura*,
Que elle recuza n'um ai!

Mas o solícito anjinho
Diz-lhe com riso e carinho ;
— « Bebe que é doce, papai. »

B. Lopes.



INDICE

	PAGS.
As mãis. . . .	3
O Mergulhador .	4
Velha.	5
A cruz da estrada	7
Soneto.	9
A janella de Julieta.	10
A Furtado Coelho	11
A ""	12
Ah! vinde !	15
O proscripto.	17
A Propriedade	18
O enterro de Laura.	19
A Pedro II.	21
Decadencia	23
No lyrico.	25
A Martins Junior .	26
A rainha das feiticeiras	27
O teu olhar.	29
Chuva e Sol	31
A noiva	32
A cidade da luz.	33
N'um album	35
A mãe e o filho morto.	36
O beijo	37
A Religião do amor	39
A Padeirinha	41
Maria .	43

	PAG
A Carvalho Junior.	45
A cruz de perolas	46
Peccavi.	47
Supplica	49
Recitativo.	51
Paysagem rustica	52
Embora .	53
Teu bilhete	55
N... .	56
A lição	57
Phantasia crepuscular.	59
Visão antiga.	60
A... .	63
A Sapho.	65
A locomotiva	67
Vaidosa. .	69
Os falladores.	70
* * *	71
A diversão	73
Pergunta.	76
Meu testamento	79
Confronto	81
Licções de anatomia	83
Innocencia	84
Desejo de doente	85
Idéas	86
Aujo enfermo	87
O Regato.	88
Desamparados !.	89
A alcova .	91
O ultimo beijo .	92
Castro Alves e Varella	93
Temor justificado	95
Frente a frente	96
Versos posthumos.	97

	PAGS.
Dinheiro.	99
Não perguntes	101
Loreley	103
A carta	105
Marinhas.	106
Ophelia	107
Inveja.	109
O canto do Cysne	110
Vamos rir	111
Pedro Ivo	113
Página intima	117
Amor e dever	118
Ao partir .	119
Napoleão .	121
A Escravidão	123
A serenata	124
Sei amar	125
Paris .	127
Lembras-te	129
A concha e a virgem	131
Flor do mal .	133
Morto !	134
Recitativo	135
A sesta	137
Judith	139
A um juiz. .	140
A morte de Ophelia	141
Dulce	144
A' vista do Recife	145
Mucama .	149
Et nunc et semper.	150
Nada	153
Na roça	154
Chromo	155



Charles F. Jones
Quarto Libers







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).